

# DO BOTICÁRIO AO FARMACÊUTICO:

O ENSINO DE FARMÁCIA  
NA BAHIA, DE 1815 A 1949



FLORENTINA SANTOS DIEZ DEL CORRAL  
MIRABEAU LEVI ALVES DE SOUZA  
ODULIA LEBOREIRO NEGRÃO



# **DO BOTICÁRIO AO FARMACÊUTICO:**

O ENSINO DE FARMÁCIA  
NA BAHIA, DE 1815 A 1949



UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA

Reitor  
Naomar Monteiro de Almeida Filho  
Vice-Reitor  
Francisco José Gomes Mesquita

EDITORA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA BAHIA

Diretora  
Flávia Goullart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Titulares

Ângelo Szaniecki Perret Serpa  
Caiuby Alves da Costa  
Charbel Ninõ El-Hani  
Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti  
José Teixeira Cavalcante Filho  
Alberto Brum Novaes

Suplentes

Antônio Fernando Guerreiro de Freitas  
Evelina de Carvalho Sá Hoisel  
Cleise Furtado Mendes  
Maria Vidal de Negreiros Camargo



FACULDADE DE FARMÁCIA

Diretora  
Maria Spínola Miranda  
Vice-Diretora  
Fernanda W. Lima.

Comissão Organizadora  
Prof<sup>o</sup> Antonio Nascimento Piton  
Prof<sup>o</sup> Fernando Trindade Rêgo  
Prof<sup>a</sup>. Maria Spínola Miranda



CONSELHO FEDERAL DE  
FARMÁCIA

Presidente  
Jaldo de Souza Santos  
Vice-Presidente  
Amilson Álvares



CONSELHO REGIONAL DA BAHIA

Presidente Farm<sup>o</sup>.  
Altamiro José dos Santos  
Vice-presidente Farm<sup>o</sup>  
Eustáquio L. Borges

Florentina Santos Diez del Corral  
Mirabeau Levi Alves de Souza  
Odulia Leboreiro Negrão

# **DO BOTICÁRIO AO FARMACÊUTICO:**

O ENSINO DE FARMÁCIA  
NA BAHIA, DE 1815 A 1949

EDUFBA  
Salvador-BA  
2009

©2009 by Organizadores  
Direitos de edição cedidos à  
Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA  
Feito o depósito legal

Revisão de linguagem  
*Cristina Porto*

Capa  
*Danilo Watanabe*

Editoração eletrônica e arte-final da capa  
*Rodrigo Oyarzábal Schlabit*

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Diez del Corral, Florentina Santos.

Do boticário ao farmacêutico : o ensino de farmácia na Bahia de 1815 a 1949 / Florentina Santos Diez del Corral, Mirabeau Levi Alves de Souza, Odulia Leboreiro Negrão. - Salvador : EDUFBA, 2009.

188 p.

ISBN 978-85-232-0657-4

1. Farmácia - Estudo e ensino - Bahia - História. 2. Universidades e faculdades - Bahia - História. 3. Farmácia - História. 4. Farmácia - Currículos. I. Souza, Mirabeau Levi Alves de. II. Negrão, Odulia Leboreiro. III. Título.

CDD - 615.0798142

  
Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe

  
Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

  
Câmara Bahiana do Livro

EDUFBA  
Rua Barão de Jeremoabo, s/n - Campus de Ondina,  
40170-115 Salvador-BA  
Tel/fax: (71) 3283-6164  
[www.edufba.ufba.br](http://www.edufba.ufba.br)  
[edufba@ufba.br](mailto:edufba@ufba.br)

Os acontecimentos que conduziram à existência dos profissionais atualmente designados como farmacêuticos podem ser acompanhados através da história.

(POURCHET-CAMPOS, 1966)







Alguns aspectos da mitologia mesopotâmica e egípcia relacionados com a saúde surgem igualmente na mitologia e na medicina Greco-romanas. Assim, a utilização da serpente como símbolo médico-farmacêutico teve a sua origem na lenda do herói GILGAMESH, a qual parece basear-se na figura de um rei sumério do terceiro milênio. Segundo a lenda, em um dos muitos episódios da sua aventura, mergulha até ao fundo dos mares para colher a planta da eterna juventude. Ao regressar, em um momento de distração, uma serpente rouba-lhe a planta e ao engoli-la rejuvenesce mudando a sua pele.



## **AGRADECIMENTOS**

---

Nesta oportunidade em que começa a se concretizar um anseio que vem sendo cultivado há alguns anos, queremos consignar nosso profundo agradecimento a todos aqueles que colaboraram, de alguma forma, para a realização desse trabalho. De maneira muito especial registramos nossa gratidão:

- à Professora Titular Dra. Maria Spinola Miranda, Diretora da Faculdade de Farmácia da UFBA, pelo empenho, disponibilidade e interesse em levar avante a ideia já aprovada pelo Professor Mirabeau Levi Alves de Souza, que a precedeu como Diretor;
- ao Professor Doutor José Tavares-Neto, Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, por nos permitir, com solicitude, o acesso ao Memorial da bicentenária Faculdade de Medicina, onde se encontram nossas raízes, registradas naquelas relíquias documentais que são os livros de Atas do Colégio Médico-Cirúrgico, da Congregação da Faculdade de Medicina e da Escola Anexa de Farmácia;

- aos membros da Comissão Organizadora das Comemorações do Início do Ensino de Farmácia na Bahia, Professores Ajax Mercês Atta, Fernando Luiz Trindade Rego e Humberto Ribeiro de Moraes, por acatarem a idéia;
- ao Conselho Federal de Farmácia, na pessoa do seu representante da Bahia, Prof. Jorge Antonio Piton Nascimento, pelo incentivo;
- ao Conselho Regional de Farmácia – Ba, na pessoa do seu Presidente, Farmacêutico Altamiro José dos Santos, pelo apoio decisivo quando foi aventada a possibilidade de realização desse trabalho;
- à Tec-Adm. Vilma Lima Nonato de Oliveira, funcionária do Arquivo Geral da FAMEB que, de maneira gentil, dedicada, atenciosa e competente, atendeu às nossas solicitações;
- aos nossos familiares, de quem foram subtraídas horas de convívio para dedicarmo-nos a esse trabalho, pelo apoio e colaboração, sempre que solicitados.

*Os autores*

# SUMÁRIO

<b>1 Apresentação.....</b>	<b>15</b>
<b>2 Introdução.....</b>	<b>17</b>
<b>3 A farmácia na antiguidade / Idade Média.....</b>	<b>21</b>
<b>4 Boticários e jesuítas no Brasil.....</b>	<b>27</b>
<b>5 O ensino de farmácia na Bahia.....</b>	<b>33</b>
<b>Chegada da Família Real ao Brasil.....</b>	<b>34</b>
<b>Cadeiras de Química Farmacêutica e de Farmácia.....</b>	<b>37</b>
<b>Criação do Curso Farmacêutico.....</b>	<b>41</b>
<b>6 Seção de Farmácia na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro.....</b>	<b>47</b>
<b>7 Reformas do ensino que modificaram o Curso Farmacêutico.....</b>	<b>51</b>
<b>No período imperial.....</b>	<b>51</b>
<b>Reforma Couto Ferraz – Decreto nº 1.387 de 28.04.1854.....</b>	<b>51</b>
<b>Reforma Leôncio de Carvalho – Escola de Farmácia Anexa à de Medicina – Decreto nº 7.247 de 19.04.1879.....</b>	<b>57</b>
<b>Reforma Sabóia – Decreto nº 9.311 de 25.10.1884.....</b>	<b>60</b>

<b>No período republicano.....</b>	<b>62</b>
<b>Reforma Benjamin Constant – Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia – Decreto nº 1.270 de 10.01.1891.....</b>	<b>62</b>
<b>Reforma Epitácio Pessoa – Decreto nº 3.890 de 10.01.1901.....</b>	<b>63</b>
<b>Reforma Rivadávia Correa – Decreto nº 8.659 de 05.04.1911.....</b>	<b>65</b>
<b>Reforma Maximiliano – Decreto nº 11.530 de 18.03.1915.....</b>	<b>67</b>
<b>Reforma Rocha Vaz – Faculdade de Farmácia Anexa à Faculdade de Medicina – Decreto nº 16.782-A de 13.01.1925.....</b>	<b>68</b>
<b>Reforma Francisco Campos – Decreto nº 19.851 de 11.04.1931.....</b>	<b>70</b>
<b>8 Criação da Universidade da Bahia.....</b>	<b>75</b>
<b>9 Autonomia da Faculdade de Farmácia da Bahia.....</b>	<b>79</b>
<b>10 Considerações Finais.....</b>	<b>83</b>
<b>11 Referências.....</b>	<b>85</b>
<b>12 Anexos.....</b>	<b>89</b>
<b>Anexo 1 – Lentes da cadeira de Farmácia e seus diversos desdobramentos.....</b>	<b>91</b>
<b>Anexo 2 – Farmacopéias.....</b>	<b>103</b>

<b>Anexo 3 – Oração ao Farmacêutico.....</b>	<b>107</b>
<b>Anexo 4 – Hino do Farmacêutico.....</b>	<b>109</b>
<b>Anexo 5 – Concluintes do Curso de Farmácia, de 1836 a 1951.....</b>	<b>111</b>





## 1 APRESENTAÇÃO

---

A tarefa de apresentação deste livro torna-se para mim gratificante por dois motivos: primeiro, devido à importância do resgate de fragmentos da memória do ensino farmacêutico na Bahia, ainda mais quando esta busca se fez por meio de várias fontes, desde livros, jornais, mídia eletrônica e, especialmente, de registros de atas e depoimentos de testemunhos de fatos. Estes que, se não se resgatam no agora, ainda possível, se perderão nas brumas do tempo que, inexoravelmente, levarão ao esquecimento e se esvaecerão no turbilhão da vida, no qual muitas histórias desaparecem sem deixar rastros.

Outro motivo é saber que esse trabalho está sendo conduzido por professores da Faculdade de Farmácia e presidido pela professora Flora, amável mestra, amiga que através da Bromatologia me ensinou a trilhar os caminhos da docência e do amor às Ciências Farmacêuticas. Portanto, não me coloco aqui tão somente na posição de Diretora da Faculdade de Farmácia da UFBA, fato que muito me honra, mas pela discípula que visualiza nesse estudo a importância de memoráveis revelações da trajetória do ensino farmacêutico na Bahia.

Esse trabalho, feito com empenho e dedicação, vem sendo realizado há muito tempo. As dificuldades encontradas pela equipe para a obtenção de informações foram enormes, mas a dedicação dos professores venceu todos os obstáculos que se apresentaram. Esses professores nos presenteiam com este importante fragmento da história do ensino farmacêutico, traçado desde o Brasil Colônia até a autonomia como Faculdade de Farmácia, em 1949. Neste momento importante em que o ensino farmacêutico se torna alvo de grande atenção e inúmeras discussões que culminaram com a reformulação curricular, salutar se faz mirar o passado para enriquecer o presente.

Neste contexto, além da contribuição para o ensino farmacêutico, este livro também muito irá contribuir para o estudo das Ciências da Saúde e o enriquecimento do acervo da história da Universidade Federal da Bahia.

Necessário se faz, também, registrar os agradecimentos à equipe e a todos que colaboraram e ou incentivaram para tornar possível a expressão deste livro.

*Maria Spínola Miranda*

Diretora da Faculdade de Farmácia-UFBA

## 2 INTRODUÇÃO

---

Sem a pretensão de escrever a História da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal da Bahia (FFAR), pois, para tanto, necessário se faz o conhecimento da metodologia da narração histórica, desejamos, todavia, deixar registradas as informações que conseguimos reunir, desde quando começamos a nos interessar pelo assunto e constatamos a existência apenas de dados dispersos.

A princípio, enquanto Vice-Diretora da FFAR, em 1984, buscamos algumas fontes históricas que nos levassem às origens do ensino farmacêutico na Bahia, tendo conseguido algum material, todavia por motivos diversos não foi possível, na época, dar continuidade ao necessário levantamento de dados, etapa fundamental.

O convite do então Diretor da FFAR, Professor Mirabeau Levi Alves de Souza, para compor a Comissão Organizadora das Comemorações do Início do Ensino de Farmácia na Bahia, no contexto das comemorações dos 200 anos do ensino superior na Bahia e no Brasil, foi um incentivo para a retomada daquela

ideia, sempre presente nas nossas conjecturas sobre a origem do ensino de Farmácia na Bahia.

A comissão, aprovada pela Congregação da FFAR em reunião de 05.09.2007, foi composta da seguinte forma: Prof. Titular Ajax Mercês Atta, Prof. Adjunto Fernando Luiz Trindade Rego, Prof. Adjunto Humberto Ribeiro de Moraes, como representantes dos Departamentos de Análises Clínicas, Alimentos e Medicamentos, respectivamente, e as Professoras aposentadas Odulia Leboreiro Negrão e Florentina Santos Diez del Corral, esta na presidência.

Para a comissão, bem como para a diretoria da Faculdade, foi apresentada a ideia de se produzir algo escrito, como uma contribuição para a história do ensino farmacêutico na Bahia, ideia essa que recebeu todo apoio da diretoria, como também dos Conselhos Federal e Regional, nas pessoas do Prof. Jorge Antonio Piton Nascimento, representante da Bahia no primeiro e do farmacêutico Altamiro José dos Santos, presidente do segundo, posteriormente convidados a se envolver no processo.

Iniciamos então, a Professora Odulia e eu, a necessária pesquisa documental, contando com a inestimável colaboração do Professor José Tavares-Neto, Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia que, gentilmente, nos franqueou o acesso aos arquivos daquela Faculdade, onde se encontra registrada toda a história dos primórdios do ensino de Farmácia na Bahia, desde seu início até quando ocorreu a sua autonomia, constituindo-se Unidade Universitária pela Lei nº 1.021 de 28 de dezembro de 1949.

Em 22.12.2008, assumiu a diretoria da FFAR a Professora Maria Spínola Miranda, em substituição ao Professor Mirabeau, cujo mandato se expirou e cuja aposentadoria veio a seguir.

A Profa. Mara, como carinhosamente é chamada, movida pelo mesmo sentimento de querer deixar registradas, de alguma forma, memórias da FFAR, decididamente se empenhou em dar continuidade ao trabalho iniciado, com o objetivo de concretizar a ideia inicial.

Uma vez com mais disponibilidade de tempo, o Prof. Mirabeau dedicou-se também à pesquisa documental, ao levantamento de dados referentes ao ensino farmacêutico na Bahia e, assim, a seis mãos, avançamos.

O presente trabalho compreende o período que vai dos primórdios da Farmácia até 28 de dezembro de 1949, data em que, pela Lei nº 1.021, anteriormente citada, a então Faculdade de Farmácia Anexa à de Medicina conquistou sua autonomia.

Esta publicação, que ora estamos apresentando na data comemorativa da autonomia, representa nossa homenagem aos 60 anos da Faculdade como unidade de ensino independente.

*Florentina Santos Diez del Corral*



### 3 A FARMÁCIA NA ANTIGUIDADE E NA IDADE MÉDIA

---

A Farmácia esteve sempre presente na vida do homem, justamente nos momentos de aflição gerados pela dor e pelo sofrimento físico. Já houve quem dissesse que ela é tão antiga quanto a humanidade. Rudimentar, empírica, científica, assim caminhou ao longo do tempo, atravessou os séculos e chegou até nós.

O termo *farmácia* vem do grego *pharmakon*, que deu origem a *fármaco*, *farmácia* e tinha duplo significado: medicamento e veneno.

Paracelsus (1493 – 1541), físico que viveu no século XVI, já dizia que todas as substâncias são veneno, não há uma que não seja. A posologia correta diferencia o veneno do remédio.

O ilustre historiador português José Pedro Souza Dias, Professor Associado da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa e Doutor em Farmácia pela mesma Universidade, no seu trabalho *A Farmácia e a História* diz que o termo *farmácia* serve, simultaneamente, para denominar-se uma profissão e

uma área técnico-científica. Como profissão, incorpora diferentes atividades relacionadas com preparo e dispensação de medicamentos. Como área técnico-científica, é produto da interseção de várias disciplinas, tendo como objeto a relação entre os medicamentos e os seres vivos (DIAS, 2009).

Já houve quem dissesse que estudar a História da Farmácia é estudar a relação homem-medimento, no tempo.

A história da arte de curar nos leva ao conhecimento de que as atividades de médico e de farmacêutico, desde o início, concentraram-se num único indivíduo, que podia não só diagnosticar as enfermidades como preparar as formulações medicamentosas para saná-las. Um exemplo, na história da farmácia, é do médico grego de origem mas que viveu em Roma, Claudio Galeno (129 – 200 ) que, pela sua dedicação ao estudo das substâncias utilizadas com fins medicinais, é considerado o Pai da Farmácia.

A professora Maria Aparecida Pourchet Campos, no seu livro Perfil do Ensino Farmacêutico no Brasil, lembra que a raiz da palavra medicamento é a mesma da palavra médico e significava, inicialmente, “aquilo que era fornecido pelo médico para tratamento da doença, como parte integrante do exercício da medicina.” (POURCHET-CAMPOS, 1966, p.10).

Na antiguidade, tanto na Grécia como em Roma, havia uma forma de divisão de trabalho entre aqueles que lidavam com medicamentos. Os gregos distinguiam o médico que lidava com medicamentos, e a esses chamavam *iatroi*, e os indivídu-



os que, além disso, desempenhavam atividades distintas, os quais recebiam diferentes denominações, a exemplo de:

## GRÉCIA

*Pharmakopoi* (*pólos*, no singular) – vendiam medicamentos;

*Pharmakopoei* (*poeos*, no singular) – preparavam medicamentos;

*Rhizotomoi* (*tomos*, no singular) – cortadores de raízes;

*Myropoei* e *myrepsai* – preparadores de unguento;

*Aromatopoi* – vendedores de especiarias ou especieiros.

## ROMA

*Pharmacopoli* (*polus*, no singular) e *pharmacopoei* (*poeus*) – preparavam e vendiam medicamentos, drogas e cosméticos;

*Pharmacopoli circumforanei* – vendedores itinerantes;

*Sellularii* ou *seplasiarii* – vendedores de medicamentos estabelecidos em lugar fixo;

*Aromatarii* – especieiros;

*Medicamentarii* – os que preparavam os medicamentos.

A historiografia tradicional da farmácia ao se referir à separação entre as artes da medicina e da farmácia que, no ocidente, teria sido sugerida pelos nestorianos,<sup>1</sup> a partir do século VIII, ressaltou a importância da farmácia, nessa época, quando era vista não mais como escrava, mas como irmã da medicina: *Pharmacia sóror medicinae, non ancilla*. As atividades da farmácia vistas como complementares e não subordinadas à medicina (VELLOSO, 2007).

A separação do exercício dos atos médicos e farmacêuticos em dois profissionais distintos foi pacífica em alguns lugares, porém em outros levou séculos para se concretizar e um só indivíduo acumulou ambas as funções por muito tempo.

Na Europa, a separação ocorreu desde o início do século XII, na França. Em Portugal, a obrigatoriedade da separação foi determinada no século XV, precisamente em 1461.

As mais antigas fontes escritas da história farmacêutica são originárias das civilizações da Mesopotâmia e do Egito. São constituídas por tabuinhas de argila (Tábua de Nippur), onde escreviam com estilete. A mais antiga delas foi encontrada na Suméria, região ao sul da Mesopotâmia, onde hoje é o Iraque, contendo quinze receitas medicinais. Textos religiosos, desenhos, múmias e, sobretudo, papiros, são fontes de informação sobre as substâncias medicinais usadas pelos egípcios. O Papiro de Ebers – 1550 a.C. – com mais de 20 metros de compri-

---

<sup>1</sup> Membros de uma seita religiosa importante no século V, que seguia os ensinamentos de Nestório, bispo de Constantinopla.

mento, é um exemplo; inclui referências a mais de 7.000 substâncias medicinais, compondo mais de 800 fórmulas (DIAS, 2009).

Coube aos árabes absorver e preservar todo o conhecimento acumulado na Antiguidade Clássica, tanto grega como romana, com relação a medicamentos.

Além desse mérito, deram eles uma grande contribuição ao ampliar o arsenal terapêutico, acrescentando cerca de 400 drogas àquele milhar já conhecido anteriormente. Pode-se dizer ainda que os árabes foram os precursores do que viria ser, mais tarde, a disciplina Farmácia Galênica, pois na arte de transformar as matérias primas oferecidas pela natureza, representadas por substâncias pertencentes aos reinos vegetal, mineral e animal, eles o faziam empregando, habilidosamente, técnicas e equipamentos até então desconhecidos. Podem ser citados como exemplo o emprego de alambiques para destilação de essências aromáticas e de água, desenvolvimento de formulações farmacêuticas para tornar os medicamentos mais aceitáveis ao paladar, com maior possibilidade de aproveitamento pelo organismo, enfim, empregavam as necessárias ciência e arte que o desempenhar das atividades farmacêuticas exige, dando início, mesmo que de maneira rudimentar, à farmácia científica. A Escola de Bagdá era o centro intelectual do Oriente.

A importância da Igreja como fiel depositária do conhecimento científico existente na Idade Média foi de grande valia para as ciências da saúde, dentre elas a Farmácia que, praticada por monges e freiras nos mosteiros e conventos que prolifera-

ram neste período, teve preservado e até desenvolvido o seu saber farmacêutico oriundo das civilizações anteriores.

As especiarias tiveram também na Idade Média uma utilização generalizada para fins terapêuticos, entrando na composição de vários medicamentos, quer como droga ativa quer como corretivo. Entre elas podem ser citados: anis, hortelã etc. Os que lidavam com as especiarias eram chamados especieiros. Em Portugal, eles teriam surgido antes dos boticários e ambos coexistiram durante um certo tempo.

## 4 BOTICÁRIOS E JESUÍTAS NO BRASIL

---

Segundo Pourchet-Campos (1966), a primeira vez que aparece escrita a palavra *boticário* o é pelo Papa Pelágio II, com referência a monges do século VI, e só por volta do século XIII a palavra foi aplicada a leigos.

Com o passar do tempo, os boticários se tornaram artesãos do medicamento, deixando de ser exclusivamente comerciantes de matérias primas e envolvendo-se também com o preparo desses.

Com a criação das chamadas Corporações de Ofícios, associações que surgiram na Idade Média e que tinham como objetivo regulamentar o processo produtivo artesanal nas cidades com mais de 10 mil habitantes, a profissão de boticário se organizou, teve regulamentos e o juramento se tornou obrigatório.

Tais corporações apresentavam as seguintes categorias:

mestres – donos das oficinas, com muita experiência;  
oficiais – tinham boa experiência e recebiam salário;  
aprendizes – jovens, em começo de atividade profissional.

A corporação de boticários era representada por indivíduos que comercializavam drogas, na maioria de origem vegetal, às vezes incluindo especiarias. Muitos dispunham de pequenos jardins botânicos, onde cultivavam plantas medicinais ou tidas como tais. Com elas preparavam pós, extratos, infusos, destinados ao aviamento das receitas prescritas pelo médico.

O acesso ao grau de mestre-boticário exigia que o candidato demonstrasse capacidade para ler as prescrições médicas, reconhecesse o simples<sup>2</sup> e realizasse uma *obra-prima*, ou seja, uma preparação galênica. Era conferido a indivíduos abastados, depois de um aprendizado de cerca de oito anos; as provas requeridas eram caras, bem como era caro prover devidamente os laboratórios e oficinas abertos. Havia também a vinculação do exercício profissional à posse do estabelecimento, como o é, hoje, na Europa, onde apenas o farmacêutico pode ser seu proprietário, traduzida, entre nós, como a farmácia para o farmacêutico.

Alguns boticários, empenhados em aperfeiçoar as técnicas de obtenção dos princípios dos simples, abriram caminho para as conquistas da química, entendida como a matéria que imprimia o sentido científico à farmácia.

Boticários eram os responsáveis pelas boticas. A palavra *botica* origina-se do grego *apothēke*, cujo significado etimológico é depósito, armazém; ela surge com o aparecimento de um estabelecimento fixo para venda de medicamentos.

---

<sup>2</sup> Medicamento preparado a partir de um único fármaco.

Na Idade Média, foram famosas as boticas dos cônegos regrantes de Santo Agostinho, as dos Dominicanos e as dos padres da Companhia de Jesus.

Fontes históricas afirmam que os primeiros boticários portugueses surgiram no século XIII e um dado singular é a referência a uma mulher boticária, em 1326.

A história conta que, em 1549, chegou ao Brasil o primeiro governador geral, Tomé de Souza, trazendo na sua comitiva cerca de 1.000 pessoas, dentre as quais religiosos, representados por seis jesuítas, quatro padres e dois irmãos, chefiados pelo padre Manuel da Nóbrega.

O corpo sanitário compunha-se do físico<sup>3</sup> e cirurgião da expedição, Jorge Valadares, formado pela Universidade de Coimbra, o primeiro da cidade em construção, e do boticário Diogo de Castro, auxiliados pelos seis inacianos.

Os portugueses encontraram aqui uma comunidade que, para resolver seus problemas de saúde, buscava na floresta raízes, folhas, sementes, enfim, a numerosa variedade de plantas que, manipuladas pelos pajés e curandeiros, eram usadas como remédio.

Os jesuítas que aqui desembarcaram vieram com a orientação básica de criar colégios, conventos e realizar missões junto aos índios. E foi através desse trabalho missionário que também se dedicaram ao aprendizado da manipulação de matérias

---

<sup>3</sup> Denominação dada ao médico, já que a medicina, na época, era tida como medicina física.

primas nativas para obtenção de remédios que curassem as doenças próprias da região dos trópicos.

Os medicamentos preparados vinham, inicialmente, da metrópole, porém chegavam irregularmente, muitas vezes estragados devido à demora na viagem. Tal fato também contribuiu para o empenho dos jesuítas em aprender a transformar em medicamento o que as plantas nativas ofereciam, mesclando os conhecimentos médicos europeus com aqueles obtidos com os indígenas.

Através dos tempos, várias boticas foram instaladas sob a direção dos padres: na Bahia, Olinda, Recife, Maranhão, Rio de Janeiro e São Paulo. A mais importante foi a da Bahia, por se tornar um centro distribuidor para as demais, tanto daqui como das outras províncias.

Assim, foram os jesuítas os primeiros boticários da Nova Terra e nos seus colégios foram criadas as primeiras boticas, onde o povo encontrava os medicamentos para alívio dos seus males (DIEZ DEL CORRAL, 2007).

Gozavam de grande conceito, além das boticas religiosas, as dos hospitais militares. O ilustre historiador Antonio Carlos Nogueira Britto relata que as boticas contratadas para servir ao Hospital da Marinha não abasteciam regularmente o nosocômio com os medicamentos necessários, a ponto de sofrerem os enfermos por faltas repetidas da aplicação dos ditos medicamentos a termo e seguindo a prescrição médica. O governo imperial decidiu, então, criar uma botica no Hospital da Marinha da Província da Bahia, o que aconteceu mediante Aviso de 04 de



julho de 1861, sendo nomeado para administrá-la o 2º Farmacêutico Filinto Elisio Pinheiro (BRITTO, 2009).

A botica funcionou no Arsenal da Marinha. Além de manipular e fornecer os medicamentos para os enfermos, a botica provia também os navios da Armada da Estação Naval e os que ali aportassem. O Conselho Administrativo da Marinha exercia uma certa vigilância sobre a botica para que os medicamentos fossem preparados com fidelidade e exatidão.

Aviso de 03 de setembro de 1861, expedido pelo Ministro dos Negócios da Marinha, Joaquim José Inácio, mandava observar o Regulamento da botica, o qual era constituído de oito artigos. O 7º dizia que dois alunos do Curso de Farmácia da Faculdade de Medicina da Bahia podiam ser admitidos, desde que aprovados nos dois primeiros anos do curso; no 8º, os ditos alunos teriam a preferência na nomeação de farmacêuticos para o Corpo de Saúde da Armada (BRITTO, 2009).



## 5 O ENSINO DE FARMÁCIA NA BAHIA

---

Falar sobre o ensino de Farmácia na Bahia desde os seus primórdios remete-nos, necessariamente, ao início do ensino médico no Brasil, que teve a Bahia como berço e que, na primeira reforma, ocorrida sete anos depois, introduziu a matéria Química Farmacêutica dentre aquelas que constituíam seu novo currículo. A este foi acrescida, em 1819, a cadeira de Farmácia, como necessária à complementação do ensino médico que se praticava na época.

A Lei de 03 de outubro de 1832, que se fundamentou no Plano de Organização das Escolas Médicas do Império, criou o curso farmacêutico que, juntamente com o curso médico e o de obstetrícia, compuseram a recém nominada Faculdade de Medicina da Bahia. Nesta, a Farmácia permaneceu durante 134 anos. Como matéria, curso, escola anexa, assim construiu a sua história até 1949, quando ganhou vida própria, tornando-se independente como Faculdade de Farmácia da Universidade da Bahia.

Um pouco dessa memória dá continuidade a esse relato.

## 5.1 CHEGADA DA FAMÍLIA REAL AO BRASIL

Para a História do Brasil Colônia bem como para o ensino das ciências da saúde no País que, mais tarde veio a se constituir, 22 de janeiro de 1808 é uma data marcante, pois registra a chegada do Príncipe Regente D. João e sua corte à Bahia, fato que teve como consequência a solução de uma dificuldade vivida pela Colônia, no que diz respeito à saúde.

A ocupação da metrópole portuguesa pelas tropas napoleônicas impossibilitou a vinda de cirurgiões examinados e aprovados pela Junta do Protomedicato<sup>4</sup> e os físicos diplomados em Coimbra. Nessa época, a medicina na Colônia era exercida pelos físicos, cirurgiões, barbeiros e boticários, aprovados pelas autoridades competentes.

Pelas leis do reino, somente os físicos ou licenciados estavam autorizados para o exercício da medicina. Eram formados nas universidades européias, principalmente ibéricas. Não praticavam a cirurgia, atividade que competia aos cirurgiões, a quem era permitido tão somente tratar de lesões externas, ficando proibida a estes a administração de medicamentos e cuidados de moléstias internas.

Os barbeiros, por sua vez, concorriam até certo ponto, na prática, com os cirurgiões, pois recebiam autorização para realizar pequenas intervenções cirúrgicas, tais como: sangrar, sarjar, aplicar ventosas, pensar feridas e extrair balas e dentes.

---

<sup>4</sup> Junta de médicos que tinha a seu cuidado a saúde pública, o exame dos boticários e a fiscalização das boticas.

Quanto aos boticários, aquele que conseguisse comprovar no mínimo quatro anos de prática em um hospital ou botica recebia autorização para o comércio de drogas, preparo de medicamentos e aviamento de receitas.

Para resolver a situação, foram criadas escolas de cirurgia na Bahia e no Rio de Janeiro, com a finalidade de formar cirurgiões.

A primeira delas foi a Escola de Cirurgia da Bahia, criada mediante Carta Régia de 18 de fevereiro de 1808, expedida pelo Ministro do Reino, D. Fernando José de Portugal, ao Capitão-General da Bahia, D. João de Saldanha da Gama de Mello e Torres, Conde da Ponte.

Para criação dessa Escola, foi decisiva a atuação do pernambucano Dr. José Corrêa Picanço, médico-cirurgião da Real Câmara e lente jubilado da Faculdade de Medicina de Coimbra, que argumentou para o Príncipe Regente D. João sobre a necessidade de criação de uma escola de cirurgia no Hospital Real Militar. Segundo Britto (2009) “[...] foi na extinta<sup>5</sup> enfermaria-botica do Colégio de Jesus e nas dependências do Hospital Real Militar e do sobrado colonial anexo, onde funcionava a sede e a diretoria daquele Hospital, que teve início o ensino médico no Brasil”.

A Escola foi então instalada no Hospital Real Militar, no antigo prédio do Colégio dos Jesuítas, situado no Terreiro de

---

<sup>5</sup> Extinta em função da expulsão dos jesuítas, pelo Marquês de Pombal, em 1759, de Portugal e seus domínios.

Jesus. O curso era ministrado em quatro anos e eram duas as cadeiras básicas: Anatomia e Cirurgia.

Foi depois da vinda da família real que o país, ainda colônia, adquiriu o direito de acompanhar os movimentos culturais e científicos que aconteciam no velho continente há mais de um século.

Com a família real, retornou ao Brasil o físico-mor do reino Manoel Luiz Álvares de Carvalho que, em 1812, foi nomeado cirurgião-mor do reino e Diretor dos Estudos de Medicina e Cirurgia da Corte e Reino do Brasil.

Esse ilustre baiano foi o autor do *Plano de Estudos de Cirurgia*, aprovado pelo decreto de 1º de abril de 1813, que deu origem à primeira reforma que determinou uma série de mudanças na Escola do Rio de Janeiro, em 1813 e, posteriormente, na Escola de Cirurgia da Bahia. Nesta última, mediante Carta Regia de 29.12.1815, dirigida ao 8º Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Britto, benemérito governador e capitão-general da Capitania da Bahia (TORRES, 1946).

Esse Plano ficou conhecido como Reforma do Bom Será, uma referência à expressão: bom será que..., repetidamente presente no texto.

As principais modificações dela decorrentes foram as seguintes:

- a Escola de Cirurgia passou a Colégio Médico-Cirúrgico;
- o curso passou a ter a duração de cinco anos;

-novas cadeiras foram incorporadas, dentre elas, a **Química Farmacêutica**.

Com referência ao primeiro ano de estudo, assim rezava a Carta Régia:

[...] no primeiro ano aprende-se Anatomia em geral até o fim de setembro; e, de então até seis de dezembro, ensinar-se-á Química Farmacêutica e o conhecimento necessário à Matéria Médica e Cirúrgica, sem aplicações: o que se repetirá nos anos seguintes, sendo estas noções dadas pelo boticário do Hospital que venderá nos dois meses de outubro e novembro que ensinar em cada um deles vinte mil reis (OLIVEIRA, 1992, p. 437).

## **5.2 CADEIRAS DE QUÍMICA FARMACÊUTICA E DE FARMÁCIA**

Com a criação, portanto, da cadeira de Química Farmacêutica, inicia-se, no Colégio Medico-Cirúrgico, o ensino de Farmácia na Bahia, tendo como primeiro encarregado o boticário João Gomes da Silva, conforme ofício transcrito abaixo:

Aos quinze dias do mez de Setembro do anno de mil oito centos e desesseis congregou-se o Collegio Médico-cirurgico, e à elle foi presente um Officio do Ex.mo Senhor Conde Governador em resposta à representação do mesmo Collegio de 22 de Agosto passado, pelo qual

Offício, que tem a data de 13 do corrente fez o m.mo Ex.mo saber, que pertencendo a Meza da Sancta Caza da Misericórdia a nomeação do Boticário fora feita pela Meza passada, confirmada pela actual na pessoa do João Gomes da Silva, não podendo por isso transferir-se para este Collegio / como aliás seria para desejar / sem que S.M. se Digne assim Determinar – O Collegio mandando registrar o ditto Offício levantou a sessão. Eu Jozé Álvares do Amaral fiz esta Acta rubricada por todos os Lentes – Bahia 15 de setembro 1816.

*Dr. Avelino Amaral*

(ACTAS 1816 – 1855)

A nova estrutura começou a funcionar em março de 1816, na Casa da Santa Misericórdia, cujo provedor era o Tenente-Coronel Antonio da Silva Paranhos, deixando assim o Colégio dos Jesuítas.

Numa demonstração de reconhecimento ao baiano Dr. Manoel Luiz Álvares de Carvalho, pela sua contribuição para a melhoria do ensino médico na Bahia, a Congregação do Colégio conferiu-lhe, em 13 de dezembro de 1816, o título de *criador e fundador do Colégio* (AZEVEDO, 2008).

A ele deve-se também a iniciativa de premiar com livros de sua propriedade os alunos que mais se destacassem no estudo, no Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia. Essa premiação foi deferida pela congregação, em reunião de 14 de dezembro de



1817, e entre os premiados achava-se Fortunato Cândido da Costa Dormund, que veio a se tornar lente de Farmácia.

Uma segunda Carta Régia, datada de 29 de novembro de 1819, diz que o Rei, coroado em 1816, manda:

“ter na cidade da Bahia o exercício da cadeira de Farmácia” (ACTAS 1816 - 1855).

Quatro anos após a publicação da Carta Regia de 29 de novembro de 1815, que estabeleceu o ensino da Química Farmacêutica, D. João VI, agora na qualidade de rei, amplia o campo de estudos farmacêuticos com a criação dessa cadeira.

Designou para ocupá-la o médico português Dr. Manuel Joaquim Henriques de Paiva, diplomado pela Universidade de Coimbra e de reconhecido valor científico.

A cadeira de Farmácia passou logo a fazer parte das matérias do Colégio Médico-Cirúrgico, todavia o seu proprietário só foi nomeado como lente por Sua Majestade, o Imperador, em 28 de maio de 1824, a pedido da Congregação (CARVALHO FILHO, 1909).

Ata da reunião de Congregação de 23 de julho desse mesmo ano registra manifestação do Dr. Paiva dizendo que:

[...] não pode continuar as liçoens praticas, sem que se lhes destine uma caza para fazer com seus discípulos os experimentos respectivos às mesmas liçoens: que buscando a dita caza acha que a espaçosa Botica, e competente Laboratório do Convento de S. Thereza eh sufficiente para se-

fazer os referidos experimentos sem estorvos do aviamento ordinário da mesma Botica junto da qual há um terreno inculto, e desaproveitado, no qual se pode plantar os vegetaes medicinaes necessários às demonstrações das sobredittas sciências (BRITTO, 2002, p.143).

A casa destinada foi efetivamente a botica do Convento de Santa Tereza, hoje Museu de Arte Sacra, para onde o Dr. Paiva transferiu sua cátedra e os poucos utensílios que possuía, adquiridos às suas custas, apesar dos esforços para instalação de um laboratório (SANTOS, 1905).

Os estudantes eram obrigados a frequentar as aulas, não podendo matricular-se no quarto ano sem terem sido aprovados nessa matéria, porém tinham a liberdade de cursá-la em qualquer dos anos anteriores (CARVALHO FILHO, 1909).

Valioso demarcar aqui a botica como um espaço privilegiado no início da implantação do que viria a ser o curso de medicina na Bahia. É na extinta enfermaria-botica do Colégio de Jesus que se inicia o ensino médico no Brasil. É a botica de Santa Tereza, distante do Terreiro de Jesus, que alberga a cadeira de Farmácia, Dr. Paiva e seus discípulos. São as cadeiras de Química Farmacêutica e de Farmácia, a primeira ministrada por um boticário, os dois pilares do que virá a se constituir, quase século e meio depois, o curso autônomo de Farmácia da Bahia.

Ainda em relação à cadeira de Farmácia, é necessário um breve comentário sobre a sua evolução, em virtude dos vários desdobramentos e modificações que sofreu ao longo

dos anos, em decorrência das reformas pelas quais passou o ensino das ciências da saúde.

Na mesma data da nomeação do Dr. Paiva, a ela foi incorporado o estudo da Matéria Médica, daí o novo nome: Matéria Médica e Farmácia. Na sequência, passou a figurar como “Farmácia, Matéria Médica especialmente a Brasileira, Terapêutica e a Arte de Formular”, “Matéria Médica, Farmacologia e Arte de Formular”, “Farmacologia e Arte de Formular”, até se firmar como Farmacologia no curso médico e ser desdobrada em Farmácia Galênica, Farmacognosia e Farmácia Química no curso farmacêutico.

Tendo falecido o Dr. Paiva em 10 de março de 1829, foi nomeado para reger a citada cadeira, interinamente, no mesmo mês, o Dr. Francisco de Paula Araújo e Almeida, lente substituto e também deputado. Em julho do mesmo ano, porém, o Governo Imperial nomeou o Dr. Fortunato Cândido da Costa Dormund para proprietário da cadeira. O Colégio se opôs ao arbítrio da Administração e a informação foi levada a Sua Majestade que, em junho de 1830, nomeou o Dr. Francisco de Paula para a cadeira de Fisiologia (SANTOS, 1905).

Na qualidade de deputado, ele se empenhou na apresentação de um projeto à Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro para que fosse elaborado um plano único, visando a necessária reforma do ensino da medicina na Bahia e no Rio de Janeiro.

Foi então apresentado, em 07 de maio de 1830, o anteprojeto denominado Plano de Organização das Escolas Médi-

cas do Império, redigido pela referida Sociedade e aceito pela Câmara e pelo Senado, do qual resultou a lei de 03.10.1832.

### 5.3 CRIAÇÃO DO CURSO FARMACÊUTICO

Em 03 de outubro de 1832, foi assinada pela Regência Trina Permanente, eleita em 17 de junho de 1831 e referendada pelo Ministro do Império Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, a Lei do Ensino Médico que, na Bahia, dentre as modificações efetuadas, determinou:

- a criação do Curso Farmacêutico;
- uma nova denominação para o Colégio Médico-Cirúrgico que passou a ser Faculdade de Medicina da Bahia;
- a criação da biblioteca.

Essa lei, inspirada no modelo francês, somente entrou em vigor na Bahia em 1833 e permaneceu por 22 anos. Estabelecia que a congregação podia elaborar seu regulamento, eleger três nomes dentre os quais o governo escolhia o diretor, que assumia por 3 anos.

Foi escolhido o Dr. José Lino Coutinho, nomeado pelo decreto de 27 de junho de 1833 e empossado em 23 de julho do mesmo ano. A partir de então, a Faculdade voltou a funcionar no Terreiro de Jesus (TORRES, 1946).

Pela lei, as matérias do ensino na Faculdade de Medicina da Bahia foram divididas em três seções: acessórias, médicas e cirúrgicas. As matérias Farmácia e Matéria Médica foram inclu-

ídas entre as médicas e para cada seção foi determinado que houvessem 2 substitutos, lugares providos por nomeação do governo geral (SANTOS, 1905).

Um novo marco se estabelece, então, no ensino da Farmácia: a criação do curso farmacêutico, em 03 de outubro de 1832, oferecido como um novo curso pela recém nominada Faculdade de Medicina da Bahia, com duração de 3 anos, com disciplinas assim distribuídas:

- 1º ano — Física
- Botânica
- 2º ano — Botânica
- Química
- 3º ano — Química
- Farmácia, Matéria Médica especialmente a Brasileira, Terapêutica e Arte de Formular.

A cadeira Farmácia, Matéria Médica especialmente a Brasileira, Terapêutica e Arte de Formular substituiu a cadeira Matéria Médica e Farmácia.

Essas disciplinas eram lecionadas pelos mesmos professores do curso médico e, para ingressar no curso de Farmácia, os candidatos eram obrigados a fazer exames preparatórios de francês ou inglês, aritmética e geometria.

A idade mínima para ingresso era 16 anos. Para obter a carta de farmacêutico, conforme modelo a seguir, os alunos,

depois de aprovados nas matérias do curso, deveriam praticar pelo período de três anos em uma botica de um boticário aprovado, ou casas idôneas, havendo a necessidade da apresentação do competente atestado de frequência.

A Faculdade de Medicina da cidade da Bahia, considerando que o Sr. Fulano de Tal, natural de ....., nascido a....., examinado e aprovado em todas as doutrinas do Curso Pharmacêutico, lhe confere o Título de Pharmacêutico e mandou passar este Diploma, com o qual gozará de todas as prerrogativas que as leis do Império outorgam aos de sua profissão. E eu, Fulano de Tal ....., Secretário da mesma Faculdade subscrevo.

Bahia, Faculdade de Medicina (data)  
Presidente do Ato – Diretor e Secretário assinam.

Esse primeiro currículo, ainda rudimentar, propunha, além dos conhecimentos físico-químicos, fundamentais a qualquer curso superior, os de Botânica, e ampliava o aprendizado do conteúdo da cadeira de Farmácia, Matéria Médica especialmente a Brasileira, Terapêutica e Arte de Formular com a obrigatoriedade da prática em uma botica, durante três anos.

Registro dos Formandos em Farmácia pela Faculdade de Medicina da Bahia, de 1836 a 1951, indica o primeiro farmacêutico a colar grau: José Firmino de Araújo, formado em 1836.

O Dr. Malaquias Alvares dos Santos (1905) registra que, chegando de Paris, onde se dedicou ao estudo da Química, o farmacêutico Manoel Rõiz da Silva obteve da Faculdade de Medicina a cessão de uma sala para colocar o laboratório químico que trazia para seu uso, sob as condições de que todos os objetos pertencentes às lições estariam à disposição dos respectivos lentes.

Em 21 de março de 1836, a Faculdade fez aquisição desse laboratório e com ele organizou o gabinete para os estudos práticos, tendo a congregação aprovado em 23 de março de 1836 a proposta de nomeação do citado Dr. Rõiz como colaborador dos trabalhos químicos e farmacêuticos, nomeação confirmada pelo Aviso do Ministério do Império (SANTOS, 1905).

Ainda de acordo com Santos (1905), esse vem a se constituir o primeiro laboratório químico da Bahia.

Foi também de interesse da Faculdade buscar um local para nele estabelecer um Horto Botânico. Pediu então ao governador da Província, General Andréas, em 1846, que cedesse algum terreno de domínio nacional para tal finalidade. Tendo este demonstrado boa vontade no atendimento, a Faculdade designou uma comissão para examinar duas localidades, sendo preferida a da Quinta dos Lázarus. Todavia nada se concretizou (ACTAS, 1816 – 1855).





## **6 SEÇÃO DE FARMÁCIA DA SOCIEDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO**

---

A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro foi criada em 30 de junho de 1829 e reconhecida oficialmente através decreto imperial de 15 de janeiro de 1830, com o objetivo maior de estender o campo de ação da medicina e ampliar a atuação dos seus profissionais junto ao Governo Imperial.

A partir de 1833, passou-se a discutir na Sociedade a reforma dos seus estatutos, concretizada por decreto regencial de 08 de maio de 1835. A destacar na reforma a instituição de uma subvenção do Tesouro Nacional para a Sociedade, que por isso passou a Academia Nacional de Medicina, e a criação da Seção de Farmácia, inicialmente constituída de 7 membros honorários, 11 titulares e cinco adjuntos, além das seções de medicina e cirurgia já existentes.

Pelo decreto, cada uma delas teria duas sessões públicas mensais onde seriam discutidos temas de ciência e estudo relativos a cada seção.

Na qualidade de Academia Nacional, passou a consultora do Governo em questões de higiene e no exercício de políticas de saúde pública (até o ano de 1850), tendo seu campo de ação alargado tanto na regulamentação do exercício da medicina como na comercialização de medicamentos.

Enquanto membros da Seção de Farmácia faziam parte os farmacêuticos brasileiros Ezequiel Corrêa dos Santos, Manoel Francisco Peixoto, Juvêncio Pereira Ferreira, Francisco Felix Pereira da Costa e Estevão Alves de Magalhães, sob a presidência do farmacêutico francês diplomado em Paris, Jean Marie Soullié.

Desde sua criação, essa seção teve uma participação fundamental não só na melhoria do exercício profissional, mas também do ensino de Farmácia, além de se constituir no embrião da Sociedade Farmacêutica Brasileira, fundada dezesseis anos depois.

Eram pleitos da Seção de Farmácia:

- melhoria do ensino farmacêutico no Império;
- elaboração de um Código Farmacêutico Brasileiro que contemplasse a riquíssima flora medicinal do País;
- defesa de exame obrigatório dos produtos alimentícios expostos à venda;
- combate ao exercício ilegal da Farmácia.

A citada Seção, em 1836, apresentou à Academia Imperial de Medicina o “Plano de Reorganização do Curso de Far-

mácia das Escolas de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia e criação de Escolas Provinciais do Império.” (SANTOS, 2007). Somente a Província de Minas Gerais conseguiu e criou a Escola de Farmácia de Ouro Preto, em 1839, desvinculada das Faculdades de Medicina.

Novas reivindicações foram feitas ao governo, principalmente através da Sociedade Farmacêutica Brasileira, fundada em 30 de março de 1851, com o apoio do Imperador D. Pedro II e que teve como presidente o atuante farmacêutico Ezequiel Corrêa dos Santos, um verdadeiro líder da classe farmacêutica da época e que também se envolveu na carreira política, tornando-se uma pessoa pública de prestígio. Sua importante contribuição fez com que historiadores do ensino da saúde se referissem a ele como o pai da farmácia brasileira.

A necessidade de melhoria e regularização da instrução farmacêutica se traduzia, por exemplo:

- na criação de uma cadeira de Farmácia prática dirigida por farmacêutico e melhor organização da parte teórica, considerando que a saúde do doente não dependia somente dos conhecimentos médicos, mas também dos medicamentos e de sua preparação adequada;
- inclusão no currículo das matérias Mineralogia, Zoologia e Toxicologia;
- título de Bacharel em Ciências Naturais aos estudantes de Farmácia que fossem aprovados nos cursos teórico e

prático e em todos os preparatórios exigidos para o curso médico;

- direito de farmacêuticos viajarem pela Europa, para estudos, à custa do Estado, o que já vinha acontecendo com os médicos, desde a reforma de 1832 (VELLOSO, 2008).

O ensino superior era responsabilidade do governo central e quando Luiz Pedreira de Couto Ferraz foi chamado para ocupar o cargo de Ministro do Império, em 1853, a necessidade de reforma na instrução pública era consenso entre os membros do governo. O próprio D. Pedro II concordava com a urgência da matéria, considerando-a como etapa fundamental para o progresso, pois a instrução garantiria o alinhamento do império com as chamadas nações civilizadas.

## **7 REFORMAS DO ENSINO QUE MODIFICARAM O CURSO FARMACÊUTICO**

---

### **7.1 NO PERÍODO IMPERIAL**

#### **7.1.1 REFORMA COUTO FERRAZ – Decreto nº1.387 de 28.04.1854**

A reforma, que também ficou conhecida como reforma BOM RETIRO, em homenagem a Luiz Pedreira de Couto Ferraz, Barão do Bom Retiro, foi aprovada em 28 de abril de 1854, seguida do Regulamento Complementar promulgado dois anos depois, em 14.05.1856.

O Curso Farmacêutico continuou com duração de três anos e as cadeiras eram as seguintes:

1º ano — Física

Química e Mineralogia

2º ano — Botânica

Química e Mineralogia (repetição)

Química Orgânica

3º ano — Botânica (repetição)

Matéria Médica

Farmácia

Em relação ao currículo anterior, de 22 anos atrás, percebe-se um acréscimo substancial dos conteúdos previamente oferecidos de botânica e química, a inclusão da mineralogia, importante enquanto conhecimento analítico dos minerais, e o desmembramento de Matéria Médica da cadeira de Farmácia. Essa cadeira abrangia um conjunto de conhecimentos necessários à arte de manipular, com exceção dos conhecimentos relativos à matéria prima, incluídos em Matéria Médica.

Cabe o destaque para a inclusão de Mineralogia como uma demanda da Sociedade Farmacêutica Brasileira, conforme mencionado anteriormente.

Algumas reivindicações advinham do Curso Farmacêutico, como por exemplo:

- criação de um horto botânico;
- criação de um laboratório de Química;
- criação de um gabinete de História Natural;
- previsão da instalação de Oficinas Farmacêuticas no prédio de cada Faculdade de Medicina.

Na Bahia, a aplicação dessa reforma no que diz respeito ao curso farmacêutico foi demasiadamente lenta e, inicialmente

te, se restringiu apenas à instalação da oficina farmacêutica, muitos anos depois. Ata de 02 de junho de 1866, dez anos após a publicação do Regulamento Complementar, registra:

Expediente: Aviso do Ministério dos Negócios do Império de 02 de junho mandando informar quanto se gastou com a fundação da Oficina Farmacêutica desta Faculdade e bem assim qual a despesa que se faz anualmente com o custo da mesma oficina e com os fornecimentos para a aula de Farmácia. (ACTAS 1865 – 1882).

No mesmo ano de 1866, foi indicado o Diretor da Oficina Farmacêutica, recaindo a indicação no preparador<sup>6</sup> de Química Orgânica e de Farmácia, Dr. José Ignácio da Cunha, que passaria a acumular as duas funções. Dr. Cunha justificou a impossibilidade por questão de horário e de tempo, todavia essa situação lhe gerou uma acusação de faltas por parte do Conselho Diretor, levadas ao conhecimento do Governo Imperial.

Na reunião de 22 de outubro de 1869, a Congregação tomou conhecimento das acusações feitas, tendo convidado Dr. Cunha a comparecer à reunião de 03 de novembro de 1869, a fim de apresentar sua defesa, tendo este assim iniciado:

---

<sup>6</sup> Até então, a carreira docente era constituída dos proprietários das cadeiras, os catedráticos, e dos lentes substitutos. Os estatutos da reforma de 1854 propunham a supressão da classe dos substitutos e criação da classe dos opositores, desmembrada em preparadores, se circunscritos a atividades nos gabinetes, e professores, responsáveis pela substituição dos catedráticos.

Facultaste-me o ingresso no meio de vós para que pudesse justificar-me das faltas, na aparência tão graves, que pesam sobre mim [...]. Depois de sua exposição de motivos, ficou decidido que a Congregação se dirigiria ao Governo com uma cópia da ata, dando um juízo sobre a justificativa do Dr. Cunha e mostrando a necessidade da separação aludida (ACTAS, 1865 – 1882).

“O governo imperial reconheceu a conveniência de se separarem aqueles lugares, mas que estando este negócio pendente de deliberação do Poder Legislativo, nenhuma inovação se pode fazer sem autorização dele.” (ACTAS, 1865 – 1882).

Em março de 1870, Dr. Cunha foi aprovado como opositor da cadeira de Farmácia, todavia continuou como preparador de Química Orgânica e Diretor da Oficina Farmacêutica.

Ata de 27 de setembro de 1870 registra: “[...] enquanto não forem separados e distintos os lugares de diretor da oficina farmacêutica e de preparador de química orgânica e farmácia, não haverá ensino prático aproveitável”. Um mês depois, mais uma menção sobre o tema aparece na ata de 03 de novembro de 1870, informando que no Rio os lugares já estão separados (ACTAS 1865 – 1882).

Com relação ao Horto Botânico, na ata referida de 03 de novembro de 1869 lê-se o seguinte: “Por Aviso de vinte -20- declarou o mesmo Exmo. Ministro não poder autorizar a criação do Horto Botânico em razão de não ter meios na lei do



orçamento para semelhante despesa”. Ata de 12 de maio de 1871 consigna “insistente pedido para efetivação do horto botânico e gabinete de história natural, desenvolver os já existentes, criar novos, onde a toxicologia possa fazer seus ensaios.” (ACTAS 1865 – 1882).

Quanto à criação do laboratório de química e do gabinete de história natural, não há qualquer registro nas fontes consultadas da sua concretização, senão embutida na proposta de criação de institutos constante da Reforma Leôncio de Carvalho, em 1879, como se vê adiante.

A Reforma Bom Retiro criou novos estatutos para as Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro e foi considerada por alguns como de caráter conservador, pelas modificações administrativas que determinou, abolindo a eleição do diretor e a elaboração do regulamento pela Congregação.

Por outro lado, estabelecia que de três em três anos escolhia-se um lente ou um opositor de cada Faculdade para realizar pesquisas e investigações científicas no Brasil ou no estrangeiro, comissionado pelo governo.

Os professores com 25 anos de serviço eram jubilados com ordenado integral e recebiam o título de Conselheiro do Imperador.

“No início do ensino da Faculdade de Medicina da Bahia todas as cadeiras tinham um compêndio aprovado pela congregação, pelo qual os lentes preparavam sua lições.” (CARVALHO FILHO, 1909, p. 21). O ensino, até então, era ministra-

do sob a forma de aulas lidas, muitas vezes sem qualquer reflexão sobre o que se constituía o objeto da leitura, ou então eram recitadas de cor ou por meio de apostilas, proibidas estas pela Congregação, em 28 de fevereiro de 1849. Havia, porém, aqueles professores que fugiam a essas normas e expunham as lições de maneira conveniente, com as explicações necessárias à compreensão por parte dos alunos.

Depois dessa reforma, o conhecimento passou a ser transmitido de modo diferente. Em geral, os lentes davam suas aulas em forma de discursos oratórios, tendo a palavra se tornado na Faculdade o principal instrumento de ensino e a eloquência a expressão de grandeza da inteligência e da superioridade da instrução. Era o ensino discursivo (OLIVEIRA, 1992).

Para ingresso no Curso Farmacêutico requeria-se do candidato aprovação nos exames de francês, aritmética e geometria. Durante o curso os exames eram orais, sendo alguns vagos e outros com pontos tirados de véspera. O julgamento não se fazia por cadeiras, porém, em conjunto, por ano. O estudante duas vezes reprovado no mesmo ano ficava impossibilitado de seguir carreira por não poder ser mais admitido à matrícula em qualquer Faculdade do Império (CARVALHO FILHO, 1909).

Os alunos do curso de Farmácia eram obrigados, além da frequência às aulas, a praticarem, diariamente, desde o primeiro ano, em uma farmácia particular, designada pela Congregação, enquanto não fosse criado o Laboratório Farmacêutico da Faculdade. A Congregação gratificava o proprietário que cedesse seu estabelecimento para tal fim.

Em 1860, mais uma vez a Faculdade de Medicina encaminhou ao Governo Imperial uma representação, solicitando o cumprimento das medidas aprovadas por esta reforma. Havia reclamações por parte dos membros da Congregação da falta de meios para o desenvolvimento dos estudos práticos propostos.

Essa situação perdurou por mais de uma década, o que pode ser verificado nas análises críticas registradas nas atas e nas solicitações de providência ao Governo, a exemplo da contundente manifestação do Dr. Rosendo Aprígio Pereira Guimarães, contrário à construção de um andar superior no edifício do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, onde também funcionava a Faculdade de Medicina, que tornaria insuportável a permanência nos Laboratórios de Farmácia e Química pelo calor, falta de iluminação e dificuldade de circulação de ar (OLIVEIRA, 1992).

O decreto nº 4.675, promulgado em 14 de janeiro de 1871, estabeleceu novos procedimentos nos exames dos estudantes, que passaram a constituir-se de duas provas, sendo uma escrita e uma oral, sob rigorosa fiscalização.

Em 17 de maio de 1876, pelo decreto nº 6.203, foi extinta a classe de opositores e recriada a de substitutos, com acesso à classe de catedrático por antiguidade.

#### **7.1.2 REFORMA LEONCIO DE CARVALHO – Escola de Farmácia anexa à de Medicina – decreto nº 7.247, de 19.04.1879**

Em 1870, estando Carlos Leôncio de Carvalho Ministro do Império, designou uma comissão constituída pelo Visconde

de Sabóia, Vicente Cândido Figueira de Sabóia, Domingos José Freire Junior e Cláudio Velho da Mota Maia, membros da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, para estudar a organização do ensino nos países mais adiantados.

Com base nos relatórios dessa Comissão e dos pareceres das Faculdades, mediante decreto nº 7.247, de 19.04.1879, foi estabelecida a reforma do ensino primário, secundário e superior do Império, conhecida como Reforma Leôncio de Carvalho, por ele referendada, e que determinou que a cada Faculdade de Medicina ficaria anexa uma Escola de Farmácia.

A Faculdade de Medicina da Bahia, através do seu representante aprovado pela Congregação, Dr. Antonio Pacífico Pereira, também exerceu influência na elaboração dessa reforma, considerada por ele como a melhor de todas, porque propiciaria profundas e benéficas influências no ensino médico da época.

Percebe-se que, na verdade, com repercussões também na melhoria do ensino da Farmácia, ao resgatar e ampliar reivindicações presentes na Reforma Bom Retiro (1854) de criação de laboratórios que atendessem ao curso farmacêutico.

Como seus colegas do Rio de Janeiro, Dr. Pacífico Pereira viajou para a Europa, com o mesmo objetivo e são suas as palavras:

[...] o método experimental progredia de modo rápido e prodigioso, trazia funda e dolorosa impressão do nosso atraso ante a admiração e

verdadeiro assombro que em mim produzira a vasta e imponente instalação dos institutos e laboratórios em que se ministrava o ensino prático e experimental nas universidades alemãs e austríacas (VELLOSO, 2007, p.12).

O Dr. Pacífico Pereira defendeu a aplicação do *método experimental*, o desenvolvimento do ensino prático, tendo proposto a criação de 3 institutos, assim especificados:

- Instituto de Ciências Físico-Químicas, constituído pelos laboratórios de Física, Química Mineral, Química Orgânica e Biológica e Farmácia;
- Instituto Biológico, constituído pelos laboratórios de Anatomia, Fisiologia, Botânica e Zoologia, Medicina Legal e Toxicologia;
- Instituto Patológico, constituído pelos laboratórios de Histologia Normal e Patológica e Operações de Prótese Dentária.

Inspirada nas universidades alemãs, essa reforma estabeleceu liberdade de frequência às aulas, permissão aos estudantes de repetir os exames das matérias nas quais não tivessem conseguido habilitação na época apropriada e permitiu, explicitamente, o ingresso de indivíduos do sexo feminino nas instituições de ensino superior, para quem eram reservados lugares separados nas aulas.

Entretanto, o descompasso entre essa maior liberalidade e a adoção de medidas efetivas de melhoria do ensino levou os contemporâneos da reforma a desqualificá-la, enquanto um *regime de vadição e madraçaria* .

A primeira mulher farmacêutica formada na Faculdade de Medicina da Bahia foi Glafira Corina de Araújo, que colou grau em 25 de outubro de 1892, conforme Registro dos Farmacêuticos formados na referida Faculdade.

Para ingresso na Faculdade de Farmácia, agora obrigatoriamente anexa à de Medicina, exigia-se idade não inferior a 16 anos, atestado de vacina e os exames preparatórios de português, latim, francês, inglês, filosofia, aritmética (álgebra até equações do primeiro grau) e geometria.

Esse decreto de 19 de abril de 1879 tornou o ensino livre no País, permitindo a qualquer particular a fundação e manutenção de estabelecimentos de ensino, desde que neles fossem professadas as matérias que constituíam os programas dos estabelecimentos oficiais (POURCHET-CAMPOS,1966).

### **7.1.3 REFORMA SABÓIA – Decreto nº 9.311 de 25.10.1884**

Decreto de 12.03.1881 e a Lei nº3.141 de 30.10.1882 determinaram várias modificações na reforma Leôncio de Carvalho e, finalmente, sob a influência direta do Visconde de Sabóia, o Imperador D. Pedro II assinou o decreto nº9.311 de 25.10.1884 que regulamentou e reorganizou as Faculdades do

Império. As modificações estabelecidas por esse último decreto, que foi referendado pelo Ministro Felipe Franco de Sá, ficaram conhecidas como reforma Sabóia, devido à atuação de Vicente Cândido Figueira de Sabóia, Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Novos estatutos foram dados às Faculdades de Medicina, que ficaram compostas por um curso de ciências médicas e três cursos anexos, sendo um deles o de Farmácia, com a mesma duração anterior de três anos (CARVALHO FILHO, 1909).

A execução dos programas de ensino foi regularizada. Passou-se a exigir dos alunos um exame prático das matérias cujas cadeiras possuíam laboratório e a obrigação de apresentarem à mesa examinadora trabalhos executados durante o ano letivo no respectivo laboratório, para serem apreciados por ocasião do julgamento.

O título conferido ao final do curso era o de Bacharel em Farmácia e em Ciências Físicas e Naturais.

Por essa reforma foi estabelecida a criação de um museu e 13 laboratórios (14, posteriormente), dentre os quais o de Física, Química Mineral, Química Orgânica, Botânica, Farmácia e Toxicologia. Cada laboratório teria um preparador, dois adjuntos e um conservador (CARVALHO FILHO, 1909).

Dr. Eduardo de Sá Oliveira, em sua Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia concernente ao ano de 1942, refere que :

[...] o estado em que se encontrava o edifício da Faculdade, já em 1882, não permitia acomodar os laboratórios criados pela Lei de 30 de outubro do referido ano, não obstante as reclamações das Diretorias sucessivas, apoiadas pelo prestígio da Congregação (OLIVEIRA, 1992, p. 92).

Foi então criada uma comissão para elaborar um plano com orçamento das obras necessárias ao funcionamento dos laboratórios. Conforme relatório dessa comissão, mesmo realizados os trabalhos de adaptação e ampliação da Faculdade, estas seriam insuficientes às acomodações para o fiel cumprimento da referida Lei. Pelo plano apresentado não haveria espaço para os laboratórios de Higiene, Toxicologia, Botânica e Zoologia (OLIVEIRA, 1992).

## **7.2 REFORMAS NO PERÍODO REPUBLICANO**

### **7.2.1 REFORMA BENJAMIN CONSTANT – Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia – decreto nº1.270 de 10.01.1891**

A primeira reforma do ensino superior no regime republicano ocorreu mediante decreto nº 1.270, de 10.01.1891, aprovada pelo governo provisório do Marechal Deodoro da Fonseca e referendada pelo Ministro da Instrução Publica, Correios e Telégrafos, Benjamin Constant Botelho de Magalhães, daí o seu nome.



Ela propôs a reorganização das instituições do ensino médico, sendo a da Bahia, a partir de então, denominada Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia.

As matérias foram classificadas em grupos de ciências. O primeiro correspondia às ciências físicas e naturais e neste figuravam disciplinas do Curso de Farmácia que continuou com duração de três anos. A frequência era obrigatória.

Foi criada a cadeira de Química Analítica e Toxicológica, tanto para o curso médico como para o curso farmacêutico, sendo designado Sebastião Cardoso para ministrá-la, empossado em 04 de março de 1891. Criou-se também o respectivo laboratório e, em 21 de fevereiro de 1891, foi provido o lugar de preparador pelo farmacêutico Henrique Diniz Gonçalves. Por essa reforma foram supressos os adjuntos, criados pela lei anterior, e restabelecidos os lugares de lentes substitutos.

Decretos nº1.159 de 03.12.1892 e nº1.482 de 24.07.1893, aprovados pelo Presidente da República Floriano Peixoto e referendados pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Fernando Lobo, modificaram e complementaram a reforma Benjamin Constant. O primeiro destacou a parte referente a comissões e investigações em benefício da ciência e do ensino, enquanto o segundo instituiu novo regulamento para as escolas médicas e alterou currículos.

As cadeiras de Farmácia foram assim redistribuídas:

- 1º ano — Física  
Botânica  
Química Mineral
- 2º ano — Química Orgânica  
Zoologia  
Farmácia (primeira parte)
- 3º ano — Farmácia (segunda parte)  
Química Analítica e criado o estudo de  
Prolegómenos de Terapêutica

Chama atenção a inclusão da cadeira Prolegómenos de Terapêutica, sugerida exclusivamente nessa reforma, e sem qualquer registro encontrado nas fontes que foram consultadas. Zoologia, agora incluída, já havia sido indicada na reforma Sabóia.

### **7.2.2 REFORMA EPITÁCIO PESSOA – Decreto nº 3.890 de 01.01.1901**

Nova reforma ocorreu nas instituições de ensino superior, mediante Decreto nº 3.890 de 01.01.1891, aprovado pelo Presidente da República Campos Salles e referendado pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores Epitácio Pessoa, denominada Código dos Institutos Oficiais de Ensino Superior e Secundário. Essa reforma foi extremamente danosa para os cursos de Medicina e de Farmácia, com a retirada de várias cadeiras dos seus currículos, ficando a duração do curso de

Farmácia reduzida para dois anos. Tais medidas foram acompanhadas por um período grave de carência de recursos e desorganização acadêmica e administrativa. A instituição voltou a ser denominada Faculdade de Medicina da Bahia.

As cadeiras ficaram assim distribuídas:

1º ano — Química Médica

História Natural Médica

Matéria Médica e Farmacologia (Farmácia Prática)

2º ano — Química Médica

Farmacologia (Farmácia Química e Farmácia Prática)

O grau de retrocesso para o curso farmacêutico é evidente na proposta acima, não somente pela drástica mutilação, mas também pelo desvio de conteúdos, privilegiando o conhecimento voltado para a medicina. Sugere-se a inclusão de Farmacologia, já cogitada na reforma Sabóia, com o detalhe do seu direcionamento para a Farmácia Química. Também aqui, não foi encontrada explicação nas fontes consultadas para essa medida de redução curricular.

Os alunos eram obrigados a assistir a todas as aulas e exercícios práticos, a executar os trabalhos de que fossem incumbidos e responder as arguições dos lentes ou dos professores, as quais deviam ser feitas pelo menos três vezes, mensalmente.

Essa reforma introduziu a classificação das aprovações por “graus”, do seguinte modo: de 1 a 5 nas aprovações simples, de seis a nove nas plenas e grau 10, distinção.

### **7.2.3 REFORMA RIVADÁVIA CORRÊA – Decreto nº8.659 de 05.04.1911.**

Esta reforma foi concebida pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores Rivadávia Corrêa, sob a denominação de Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental na República, assinada pelo Presidente da República Hermes da Fonseca e referendada pelo próprio, daí o nome “Lei Rivadávia” como é conhecida.

Foi complementada pelo Decreto nº 8.661, que deu novo regulamento às Faculdades de Medicina que continuaram com a obrigatoriedade de oferecer o Curso de Farmácia.

Seguindo o molde das universidades alemãs, propôs várias mudanças, como autonomia didática e administrativa, resultando na desoficialização do ensino. Deixou de ser feita exigência de documento comprobatório dos cursos preparatórios para ingresso nas faculdades, a presença voltou a ser facultativa e o diploma foi substituído por um certificado de assistência e aproveitamento. Foram criadas as categorias de professor ordinário e extraordinário, sendo estes livre-docentes de qualquer matéria da Faculdade.

Muitos educadores a consideraram desastrosa, apelidando-a de Lei Desorganizadora do Ensino.

Para o Curso de Farmácia, todavia, algumas mudanças foram benéficas, como por exemplo a duração do mesmo, que voltou a ser de três anos, e a incorporação de História Natural Médica, Bromatologia, Higiene, Microbiologia, Química Industrial e Toxicologia.

- 1º ano — Física  
Química Mineral e Orgânica  
História Natural Médica
- 2º ano — Química Analítica  
Bromatologia  
Farmacologia (primeira parte)  
Higiene
- 3º ano — Farmacologia (segunda parte)  
Microbiologia  
Química Industrial  
Toxicologia

Atas da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia referentes ao ano de 1911 registram as várias sessões em que foram discutidos os artigos do novo Regulamento e as adaptações do Curso Farmacêutico às novas regras estabelecidas. Em reunião de 07 de junho de 1911, a Congregação normatiza a frequência às aulas, cita os vários ajustes para o Curso de Farmácia, fixa os horários e locais para funcionamento das cadeiras, estando assim registradas: “Curso de Pharmacia: Historia

Natural – Dr. Egas Moniz; Phisica – Dr. Carrascosa; Chimica – Dr. José Olympio (Laboratório – 2ª série); Pharmacologia – Dr. Falcão; Chimica Analytica – Dr. Amaral Moniz; Bromatologia – Dr. Costa Pinto; Hygiene – Dr. Fonseca”.

Dentre as cadeiras criadas figura a Bromatologia, matéria nunca estudada até então e que passou a fazer parte do currículo do curso. A citada ata menciona seu horário, tanto das aulas teóricas como das práticas, tendo sido seu primeiro professor o Dr. José de Aguiar Costa Pinto. A inclusão dessa cadeira no Curso de Farmácia deveu-se ao fato da necessidade de realização de análises dos alimentos comercializados, objeto, muitas vezes, de falsificações ou de venda de produtos deteriorados.

Com referência à Toxicologia, Ata de 27 de julho do mesmo ano registra um pronunciamento do Professor Oscar Freire, no qual apresenta uma proposta, aprovada pela Congregação, em que autoriza o Diretor da Faculdade a entrar em acordo com o Governo do Estado para que todos os exames de toxicologia forense passassem a ser realizados nos laboratórios apropriados da Faculdade, pelos professores de Toxicologia e Química. Seriam realizados todos os exames solicitados pela Polícia do Estado e este indenizaria a Faculdade, mediante subvenção anual ou pagamento parcial de taxas, previamente estabelecidas, sendo os professores gratificados, dentro de certos limites.

Também foram criados cinco lugares de praticantes, gratuitos, no Instituto Médico-Legal Nina Rodrigues, dos quais o professor selecionava o mais capaz para possível contratação como auxiliar do serviço, com gratificação.

#### **7.2.4 REFORMA MAXIMILIANO – Decreto nº11.530, de 18.03.1915**

Essa reforma foi aprovada pelo Presidente da República Wenceslau Braz e referendada pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores Carlos Maximiliano Pereira dos Santos. Pouco contribuiu para definir diretrizes e melhoria da qualidade do ensino superior; teve o mérito de estabelecer a reoficialização do ensino e a regularização do acesso às escolas superiores. Extinguiu as categorias de professor ordinário e extraordinário, criadas pela reforma de 1911, voltando os títulos de catedrático e substituto. Sugeriu reunir três faculdades federais existentes no Rio de Janeiro para constituir uma universidade, o que se efetivou em 1920, com a criação da Universidade do Rio de Janeiro, a primeira brasileira. Sete anos depois, foi fundada a Universidade Federal de Minas Gerais e a da Bahia em 1946. O Brasil foi uma das últimas nações da América Latina a fundar universidades.

Quanto ao Curso de Farmácia, na Bahia, há referência à cadeira de Farmacologia que foi para ele transferida.

#### **7.2.5 REFORMA ROCHA VAZ – Faculdade de Farmácia Anexa à Faculdade de Medicina. Decreto nº 16.782-A de 13.01.1925**

A reforma Rocha Vaz, última da República Velha, foi aprovada pelo Presidente da República Arthur Bernardes e referendada pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores João Luiz Alves, daí ser também conhecida como reforma João Luiz Alves.

Esta reforma criou o Departamento Nacional de Ensino, diretamente subordinado ao citado Ministério, suprimiu o Conselho Superior de Ensino, anteriormente criado, substituindo-o pelo Conselho Nacional de Ensino, composto por três seções: Conselho de Ensino Secundário e Superior, Conselho de Ensino Artístico e Conselho de Ensino Primário e Profissional.

Teve grande participação na elaboração dessa reforma o Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Juvenal da Rocha Vaz, pela qual foi reorganizado o ensino superior no Brasil, com abrangência no Curso de Farmácia.

O curso farmacêutico passou então a funcionar como Faculdade de Farmácia Anexa à Faculdade de Medicina, submetida ao Diretor desta. A proposta de currículo foi substancialmente modificada, apresentando as seguintes cadeiras ministradas no período de quatro anos:

- 1º ano — Física  
Química Geral e Mineral  
Botânica Geral e Sistemática Aplicada à Farmácia
- 2º ano — Química Orgânica e Biológica  
Zoologia Geral e Parasitologia  
Farmácia Galênica
- 3º ano — Microbiologia  
Química Analítica  
Farmacognosia



4º ano – Biologia Geral e Fisiologia  
Química Toxicológica e Bromatológica  
Higiene e Legislação Farmacêutica  
Farmácia Química

Há na presente proposta a evidência plena de um currículo totalmente voltado para o ensino de Farmácia. Sai História Natural Médica, componente da proposta anterior, de 1911, Botânica e Higiene são agora aplicadas ao curso farmacêutico e a matéria Farmácia, criada em 1819 e presente na maioria das propostas curriculares, converte-se, no percurso, agora integralmente em Farmácia Química, Farmácia Galênica e Farmacognosia.

As cadeiras consideradas privativas do Curso de Farmácia, ou seja, Farmácia Galênica, Farmacognosia, Farmácia Química, Química Analítica e Química Toxicológica e Bromatológica passaram a ser ministradas por farmacêuticos.

#### **7.2.6 REFORMA FRANCISCO CAMPOS – Decreto nº 19.851, de 11.04.1931**

Através do artigo 207 do decreto nº 16.722, o Ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos, solicitou às faculdades sugestões para a Reorganização do Ensino Superior, com destaque para regime didático, limitação de matrícula, condições de frequência e processo de escolha de professores.

Para atender a solicitação, a Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, conforme ata de 02 de janeiro de 1931, encaminhou ao Ministério da Educação a seguinte proposta de reforma do currículo de Farmácia:

- 1º ano — Botânica Aplicada à Pharmacia  
Zoologia Geral e Parasitologia  
Chimica Orgânica
- 2º ano — Biochimica  
Microbiologia  
Pharmacia Galênica
- 3º ano — Chimica Analytica  
Physiologia  
Pharmacognosia
- 4º ano — Chimica Bromatológica e Toxicológica  
Pharmácia Clínica  
Hygiene e Legislação Pharmacêutica

Em 11 de abril de 1931, o decreto nº 19.851, assinado pelo Chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas e pelo Ministro Francisco Campos, vem a constituir a reforma Francisco Campos, que dispôs sobre a organização do ensino superior no Brasil, a partir de agora tendo que obedecer ao sistema universitário, de acordo com os dispositivos dos Estatutos das Universidades Brasileiras.

Foi a primeira reforma educacional de caráter nacional realizada na Era Vargas (1930 – 1945).

Também foi a primeira a colocar a universidade como modelo para o desenvolvimento do ensino superior. Deu-lhe nova orientação, com a introdução da investigação científica como um dos objetivos do ensino universitário, no Brasil, incentivo à difusão da cultura, maior autonomia universitária e pedagógica. Estabeleceu organização, composição, competência e funcionamento da administração universitária (Reitoria, Conselho Universitário, Assembléia Geral Universitária, Congregação etc.) e previu a representação estudantil.

Foi o seguinte o currículo efetivamente proposto por essa reforma:

- 1º ano — Física Aplicada à Farmácia  
Química Orgânica e Biológica  
Botânica Aplicada à Farmácia  
Zoologia e Parasitologia
- 2º ano — Microbiologia  
Química Analítica  
Pharmacognosia  
Pharmacia Galênica
- 3º ano — Química Toxicológica e Bromatológica  
Farmácia Química  
Química Industrial Farmacêutica  
Higiene e Legislação Farmacêutica

O presente currículo exibe uma fidelidade muito grande à proposta da reforma Rocha Vaz, de 1925: as alterações se limitam à cadeira de Física agora Aplicada à Farmácia, inclusão de Química Industrial Farmacêutica e exclusão de Química Geral e Mineral e Biologia Geral e Fisiologia, com duração de três anos ao invés de quatro.

Em seu discurso de paraninfia, em 1938, o Prof. José Carlos Ferreira Gomes critica o governo federal, chamando a atenção “[...] para a seriação defeituosa das disciplinas, a insuficiência do ensino nos 3 anos do curso e a ausência de laboratórios bem providos, o que redundava no aproveitamento abaixo do desejado no ensino geral do país, apesar do seu corpo docente reconhecidamente especializado e competente” (SOUZA, 2007).

Até 1949, ano limite desse estudo, esse mesmo currículo permaneceu sendo adotado pela Faculdade de Farmácia, sem nenhuma alteração.

A Reforma Francisco Campos encerra a lista de reformas do ensino que modificaram o curso farmacêutico, até o ano de 1949.

Ainda em relação a consultas a documentos referidos ao curso, é importante registrar que, de abril a agosto de 1935, reuniões consecutivas da congregação da Faculdade de Medicina da Bahia tratam da definição dos diversos concursos para provimento de vagas docentes dos cursos de Medicina, Odontologia e Farmácia. Em ata de 31 de outubro de 1935 são registradas as inscrições dos Professores Elsior Joelviro Coutinho, para a cadeira de Pharmacognosia, José Carlos Ferreira Gomes para Pharmacia Química e José Tobias Neto para Chimica Toxicológica e Bromatológica.

## 8 CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE DA BAHIA

---

Os cursos superiores no Brasil originaram-se para atender necessidades práticas imediatas, desenvolveram-se num processo lento e apenas voltado para o ensino, durante todo o período imperial e, embora existissem escolas e faculdades profissionais no decorrer do século XIX, a Universidade só se formou, tardiamente, na primeira metade do século XX.

Os debates sobre a criação da Universidade saíram do âmbito apenas político e se voltaram também para o papel que ela deve desempenhar na sociedade. A reforma Francisco Campos, de 1931, ao colocar a Universidade como modelo para o desenvolvimento do ensino superior, lhe atribui outras funções como promover a investigação científica, até então negligenciada. A Universidade deve ser não apenas instituição de ensino mas também fonte do saber.

A Universidade da Bahia foi criada mediante Decreto – Lei Federal nº 9.155 de 08 de abril de 1946, promulgado pelo Presidente da República Eurico Gaspar Dutra e pelo Ministro da Educação e Saúde Ernesto de Souza Campos.

Com a finalidade de elaborar os Estatutos da nova Universidade, estabeleceu-se uma comissão presidida pelo professor Pedro Calmon e constituída dos professores Ignácio Azevedo do Amaral, Cesário de Andrade e Edgard Rego dos Santos, além dos professores da Faculdade de Direito Orlando Gomes e Jaime Junqueira Aires, enquanto colaboradores.

São citados, a seguir, alguns excertos do artigo de Britto (2009) sobre a instalação do Conselho Universitário e da Universidade da Bahia:

Em cerimônia revestida de grande solenidade, às 16 horas do dia 01/06/1946, reuniram-se no salão dos Actos da Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus, os membros eleitos para compor o Conselho Universitário, sob a presidência do professor Pedro Calmon e com presença significativa de professores, acadêmicos e representantes da intelectualidade e sociedade baianas.

A leitura das atas das reuniões em que foram eleitos os componentes do Conselho foi feita pelo secretário ad hoc Dr. José Pinto Soares Filho, figurando dentre os Conselheiros o Diretor da Escola Anexa de Farmácia, Dr. José Carlos Ferreira Gomes.

O professor Pedro Calmon reconheceu e declarou empossados os novos Diretores e alguns deles manifestaram a sua alegria ao ver concretizada uma aspiração que vinha de longas datas. Em nome da Faculdade de Medicina e das Escolas Anexas de Farmácia e Odontologia falou o professor Estácio de Lima.

Nessa ocasião, foi feita eleição para Reitor e Vice-Reitor da nova Universidade, sendo eleitos os professores Edgard Rego dos Santos e Demetrio Tourinho, respectivamente, para os citados cargos.

Também foi apresentado um exemplar do projeto dos Estatutos da Universidade da Bahia, a ser encaminhado ao Ministério da Educação e Saúde, depois de discutido e aprovado.

A Universidade da Bahia foi, solenemente, instalada em 2 de julho de 1946.





## 9 AUTONOMIA DA FACULDADE DE FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE DA BAHIA

---

A autonomia da Faculdade de Farmácia enquanto unidade de ensino independente da Faculdade de Medicina começa a ser delineada em 1947, em função do cumprimento do art. 115 do Estatuto da UFBA, aprovado em 25 de outubro de 1947 pelo decreto nº 22.637. Reza o referido artigo a necessidade de constituição do Conselho da Escola Anexa de Farmácia.

Esse Conselho é estabelecido em reunião de 02 de abril de 1947, sendo eleitos seus membros os Professores Eduardo Araújo e Magalhães Neto, enquanto professores que lecionavam disciplinas não privativas do Curso de Farmácia, e os Professores José Tobias Neto, José Carlos Ferreira Gomes, Elsior Joelviro Coutinho, Mauro Barreira de Alencar, Trípoli Gaudenzi e Galeno Egydio José de Magalhães, na qualidade de lentes privativos.

Nessa reunião é demarcado o passo para a autonomia didática da Faculdade de Farmácia, enfatizado nas palavras do Prof. Ferreira Gomes: “primeira etapa do ideal de independência do ensino de Farmácia” (ATAS 1947 – 1951).

Ainda para fazer cumprir o art. 115 do Estatuto da UFBA, o Conselho de Farmácia se reúne em 16 de abril de 1947 e indica os Professores José Carlos Ferreira Gomes, Tobias Neto e Magalhães Neto para compor a comissão encarregada da elaboração do anteprojeto do Regimento Interno da Universidade da Bahia.

Ata da reunião do Conselho de 12 de março de 1949 registra pronunciamento do Prof. Ferreira Gomes, comunicando que o deputado Rui Santos havia encaminhado à Câmara de Deputados proposta de autonomia para a Escola Anexa de Farmácia (ATAS 1947 – 1951). Depreende-se daqui o empenho desse professor junto a representantes da bancada da Bahia no Congresso Nacional, no intuito de acelerar o processo de autonomia já iniciado.

Em 28 de dezembro de 1949, o Presidente Eurico Gaspar Dutra sanciona a lei nº 1.021 que passa a constituir a Faculdade de Farmácia enquanto unidade de ensino autônoma da Universidade da Bahia, conforme reproduzido a seguir.



## Senado Federal

### Subsecretaria de Informações

#### LEI Nº 1.021, DE 28 DE DEZEMBRO DE 1949

*Transforma em institutos autônomos as Escolas de Odontologia e Farmácia da Faculdade de Medicina da Universidade de Pôrto Alegre e da Faculdade de Medicina da Universidade da bahia.*

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, faço saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte lei:

**ART 1º** Passarão a constituir institutos autônomos, com os direitos e prerrogativas inerentes às Faculdades integrantes das Universidades brasileiras, as Escolas de Odontologia e Farmácia da Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre e da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia.

**ART 2º** Dentro de cento e cinqüenta (150) dias, da data de publicação da presente Lei, o Poder Executivo tomará as providências necessárias à sua plena execução.

**ART 3º** Enquanto não forem baixados os atos complementares para a execução desta Lei, as Escolas de Odontologia e Farmá-

cia, mencionadas no artigo 1<sup>o</sup>, continuarão sob o regime de dependência atualmente em vigor.

**ART 4<sup>o</sup>** Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, em 28 de dezembro de 1949; 128<sup>o</sup> da Independência e 61<sup>o</sup> da República.

**EURICO G. DUTRA**

Clemente Mariani

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Os dois pilares representativos da origem do Curso Farmacêutico na Bahia, as cadeiras de Química Farmacêutica e de Farmácia, foram sustentados por boticas e boticários, esses últimos os nossos ancestrais *pharmakopoeoi*, e, ainda que o currículo de instalação do curso na Bahia fosse rudimentar e teórico, os alunos eram obrigados, desde esse primeiro currículo, a praticar durante três anos em uma botica reconhecida, o que, pressupõe-se, lhes deveria assegurar um bom domínio no preparo e dispensação de medicamentos.

Ao lado disso, a criação do Curso de Farmácia foi contemporânea ao estabelecimento da Seção de Farmácia da Sociedade de Medicina que, desde o início, cobrava melhorias no ensino farmacêutico e até mesmo a criação de um código farmacêutico.

Apesar disso, havia um franco descompasso entre esse movimento, também exercitado pelos lentes de Farmácia e Medicina, e o atendimento às reivindicações por parte do Governo Imperial, o que se evidencia pela demora no cumprimento de

decisões emanadas das diversas reformas do ensino aqui relatadas e consequentes reclamos dos professores.

O início do século XX testemunha um período de dez anos de retrocesso, a que a lei Rivadávia Corrêa parece interromper com uma proposta curricular bem mais abrangente do ensino da Farmácia, decretada em 1911. Em 1925, a reforma Rocha Vaz estabelece o primeiro currículo efetivamente voltado para o ensino da Farmácia, matriz mantida nas reformas subseqüentes, com retoques.

Em 1935, a abertura de concursos docentes para os três cursos da área da saúde delineia a ocupação das vagas para as diversas cadeiras do Curso de Farmácia por profissionais farmacêuticos, o que repercutirá, mais adiante, na condução do processo e conquista da autonomia e posterior emancipação.

Conquista precedida de todo um trabalho bem sucedido de construção da Universidade da Bahia concretizado em 1946, com a incorporação da Escola Politécnica e das Faculdades de Ciências Econômicas, Direito, Filosofia e Medicina. Anexos a esta, os cursos de Farmácia e Odontologia, já totalmente estruturados e necessitando de autonomia, até mesmo para fortalecer a estrutura recém-criada de Universidade. O que encontra respaldo no sentimento dos corpos docente e discente da Faculdade de Farmácia Anexa à Faculdade de Medicina de alcançar, afinal, seu ideal de independência do ensino de Farmácia.

## 11 REFERÊNCIAS

---

AZEVEDO, E. E. S. **Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia: Memória Histórica 1996 – 2007**. Feira de Santana, Bahia: EAMeFS, 2008. 300p.

BRITTO, A. C. N. **A Medicina Baiana nas brumas do passado: séculos XIX e XX, aspectos inéditos**. Salvador, Bahia: Contexto e Arte Editorial, 2002. 375p.

BRITTO, A. C. N. **A primeira botica criada no Hospital da Marinha da Província da Bahia em 4 de julho de 1861**. Disponível em <[http://www.fameb.ufba.br/historia\\_med/hist\\_med\\_art16.htm](http://www.fameb.ufba.br/historia_med/hist_med_art16.htm)> Acesso em 06 nov 2009.

BRITTO, A. C. N. **195 anos do ensino médico na bahia. Conferência recitada em 18 de fevereiro de 2003 no anfiteatro Alfredo Britto – Faculdade de Medicina da Bahia**. Disponível em <[http://www.fameb.ufba.br/historia\\_med/hist\\_med\\_art11.htm](http://www.fameb.ufba.br/historia_med/hist_med_art11.htm)> Acesso em 06 nov.2009.

BRITTO, A. C. N. **Solene instalação do Conselho Universitário e da Universidade da Bahia no Magnífico Salão Nobre da Faculdade de Medicina da Bahia, no Largo do Terreiro de Jesus**. Disponível em <<http://www.fameb.ufba.br/historia.htm>> Acesso em 06 nov. 2009.

CARVALHO FILHO, J. E. F. **Memória Histórica da Faculdade de Medicina no Anno de 1909 a 1910**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1913. 168p.

DIEZ DEL CORRAL, F. S. **A importância histórica da Farmácia no Brasil**: Palestra apresentada em 2º Seminário de Farmácia em Debate –CRF –Ba. 31.05.2008.

DIAS, J.P.S. **A Farmácia e a História**. Disponível em <<http://www.ff.ul.p t/paginas/jpsdias/histfarm/index.html>, acesso> Acesso em: 23 out 2009.

MARQUES, V. R. B. **Escola de Homens de Ciências**: A Academia Científica do Rio de Janeiro, 1772-1779, Educar,UFPR, n.25, p.39-57, 2005.

NUNES, A. D. **A educação na Bahia durante os governos de D. Maria I e de D. João VI, seu filho (1777-1821) – 2003**.

OLIVEIRA, E. S. **Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia concernente ao ano de 1942**. Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992. 441p.

POURCHET-CAMPOS, M.A. **Perfil do ensino farmacêutico no Brasil**. MEC. RJ. 1966. 143p.

SANTOS FILHO, L. **História da Medicina no Brasil (do século XVI ao século XIX)**. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda, 1947, 2º volume. 429p.

SANTOS, M. A. **Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia relativa ao anno de 1854**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1905. 32p.

SANTOS, N. P. **Passando da doutrina à prática: Ezequiel Corrêa dos Santos e a Farmácia Nacional**. Rev. Química Nova, v.30, n.4, p.1038-1045, 2007.



SOUZA, M. L. A. **A História da Faculdade de Farmácia da Universidade da Bahia; José Carlos Ferreira Gomes, seu Primeiro Diretor**. Conferência realizada no Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins. 13.12.2007.

TORRES, O. **Esboço histórico dos acontecimentos mais importantes da vida da Faculdade de Medicina da Bahia (1808-1946)**. Bahia, Imprensa Vitória, 1946. 137p.

VELLOSO, V. P. **Associações Farmacêuticas e ensino: a busca do sentido científico no oitocentos** – RJ, 2007.

VELLOSO, V. P. **Escola de Cirurgia da Bahia** – FIOCRUZ, 2007.

VELLOSO, V. P. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): práticas e saberes**. (Tese de Doutorado – PG em História das Ciências da Saúde da FIOCRUZ) 2007. 307p.

VELLOSO, V. P. **Sociedade Farmacêutica Brasileira** – FIOCRUZ, 2008.

VELOZO, E.; NOBLAT, L.; COSTA, L. **Resgate histórico do curso de Farmácia da Universidade Federal da Bahia**. VIII Congresso Brasileiro de História da Medicina, 2003.

## **DOCUMENTOS CONSULTADOS NO ARQUIVO GERAL DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA**

- ACTAS do Collegio Médico-cirúrgico da Cidade da Bahia – 1816-1855.
- ACTAS da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia – 1865-1882.
- ACTAS de Registros de Cartas de Pharmacêuticos - 1816-1876.

- ATAS do Conselho de Farmácia da Escola Anexa de Farmácia – 1947-1951.
- Relação dos concluintes de Farmácia – 1836-1951.

# ANEXOS

---



## **ANEXO 1 – LENTES DA CADEIRA DE FARMÁCIA E SEUS DIVERSOS DESDOBRAMENTOS**

Nossas fontes de consulta não nos permitiram resgatar os nomes de todos os professores que constituíram o corpo docente do período alvo do nosso estudo.

Em função disso, através de breve histórico daqueles que lecionaram, no percurso, a cadeira de Farmácia e seus desdobramentos, cujas fotos adornam a Sala da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, expressamos a nossa homenagem e gratidão a todos os lentes que se dedicaram ao ensino das ciências que compuseram os vários currículos adotados no Curso Farmacêutico.



**MANOEL JOAQUIM HENRIQUES DE PAIVA (1752 -1829)**

O Boticário Manoel Joaquim Henriques de Paiva veio para o Brasil com o seu pai, o também Boticário Antonio Ribeiro de Paiva e fez parte da Academia de Ciências e de História Natural do Rio de Janeiro. Voltando a Portugal, diplomou-se médico pela Universidade de Coimbra e, posteriormente, tornou-se professor de Matéria Médica e Farmácia.

Desde os tempos de estudante revelou notável inteligência e especial dedicação às ciências.

Recebeu altas honrarias da Corte, tais como: Médico da Real Câmara e Cavaleiro da Ordem de Cristo. Por questões políticas motivadas pela franqueza ao expressar suas idéias, foi preso e trazido de volta para o Brasil, quando Napoleão invadiu Portugal. Sediou-se na Bahia, onde permaneceu até o fim dos seus dias.

Pela constante demonstração de competência e inquestionável valor científico, recebeu o apoio do Colégio Médico-Cirúrgico ao requerer o ingresso no Corpo Docente do mesmo. Então, por determinação de Sua Majestade, o Imperador, Dr. Paiva foi nomeado Lente de Matéria Médica e Farmácia, em maio de 1824 e empossado em julho do mesmo ano.

Dentre os seus trabalhos destacam-se, na área específica de Farmácia, os seguintes:

- Elementos de Química e Farmácia (Lisboa, 1786 – 2ª edição).

- Farmacopéia Lisbonense ou Coleção dos sîmplices, preparações e composições mais eficazes e de maior uso (Lisboa, 1785).
- Memória sobre a excelência, virtudes e uso medicinal da verdadeira água de Inglaterra, (Bahia. 1819).
- Dicionário de Botânica (Bahia, 1819).

O Dr. Paiva exerceu com dedicação sua cadeira, pobre nas instalações (todo o material era fornecido pelo próprio), porém rica do ponto de vista cultural do seu primeiro titular.

Em Lisboa, apresentou trabalhos sobre plantas, referindo-se, principalmente, àquelas que estudou no Brasil. Dentre elas a jalapa e, do resultado das observações e análises químicas realizadas, apresentou um “discurso analítico”, discutido e aprovado, sendo comunicado aos boticários do Rio de Janeiro e a outros do reino, que não acreditavam existir uma jalapa brasileira e a importavam dos espanhóis (México).

São palavras suas: “Se os portugueses conhecessem os bens que entre eles depositou a natureza, quão infelizes seriam todos os outros que não possuem terras exóticas”.

Para a maioria dos biógrafos, sua morte ocorreu em 10/03/1829 (MARQUES, 2005) todavia, depois de 1827, deixou de examinar os alunos.



**FORTUNATO CÂNDIDO DA COSTA DORMUND (1790 - 1845)**

Baiano de Salvador, estudou no Colégio Médico-Cirúrgico da cidade da Bahia, onde se tornou cirurgião aprovado e cirurgião formado em 1820.

Foi Lente de Matéria Médica e Farmácia pelo Decreto de 03/07/1829, exercendo a função até 1833. Pela Lei de 03 de outubro de 1832, que criou o Curso Farmacêutico, a cadeira passou a Farmácia, Matéria Médica especialmente a Brasileira, Terapêutica e Arte de Formular e o lente foi mantido na nova cadeira, sendo sua carta de nomeação dada no Palácio do Rio de Janeiro, em 29/07/1833, pela Regência, em nome do Imperador D. Pedro II.

Foi também um dos premiados com livros pelo Dr. Manoel Luiz Alvares de Carvalho , em 14/12/1817. (ACTAS 1815 – 1855). Faleceu em 1845.





**JOAQUIM DE SOUZA VELHO (1800 - 1872)**

Lente, por concurso, de Farmácia, Matéria Médica especialmente a Brasileira, Terapêutica e Arte de Formular, provido como substituto pelo Decreto de 12/09/1845, tendo permanecido até 1854. Após a Reforma Couto Ferraz (1854), a cadeira foi desdobrada e ele passou a lecionar a disciplina Matéria Médica e Farmacêutica.

Membro do Conselho do Imperador D. Pedro II (1858) e Lente Jubilado em 1861.



**ANTÔNIO JOSÉ OSÓRIO (1816 – 1868)**

Baiano de Salvador, colou grau em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1839.

Lente substituto da cadeira de Farmácia, por nomeação, de 1855 a 1868, em consequência do desdobramento da cadeira Farmácia, Matéria Médica especialmente a Brasileira, Terapêutica e Arte de Formular.



**ROSENDO APRÍGIO PEREIRA GUIMARÃES ( 1826 -1907)**

Nasceu em Maragojipe, Bahia, colou grau em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1849.

Lente de Farmácia, por concurso, cadeira provida em 30/08/1871, exerceu a docência com responsabilidade e competência.

Foi uma voz que se fez ouvir nas reuniões da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, em defesa de melhores condições para o ensino de Farmácia. Ata de 26/09/1866 registra ter ele se manifestado contra a decisão pela qual se determinou que o preparador de Química Orgânica e Farmácia acumulasse o lugar de Diretor da Oficina Farmacêutica, por considerar prejudicial ao ensino. Essa atitude resultou no recebimento de um Aviso do Governo Imperial, dizendo reconhecer a conveniência de se separarem aqueles lugares, mas que estan-

do o assunto pendente de deliberação do Poder Legislativo, nenhuma inovação se podia fazer sem autorização dele.

Em reunião de 09/08/1876 da citada Congregação, fez contundente pronunciamento contra a construção de um andar superior no edifício do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, do qual a Faculdade de Medicina ocupava parte. Justificava sua posição com argumentos detalhados sobre a inconveniência da construção, por tornar o espaço dos Laboratórios de Farmácia e Química insuportáveis pelo calor, falta de iluminação, dificuldade de circulação de ar, se a citada construção acontecesse. Depois de pronunciar-se, apresentou à Congregação ofício dirigido ao Diretor, expondo sua posição (ACTAS 1865 – 1882).

Dr. Rosendo foi condecorado com a medalha de Cavaleiro de Aviz, ao término da guerra do Paraguai, pela relevância dos serviços prestados na Campanha, como combatente audaz e decidido. Também fez parte do Conselho do Imperador.



**ANTÔNIO VICTÓRIO DE ARAÚJO FALCÃO (1851 – 1928)**

Natural da Bahia, colou grau em Medicina em 1883, pela Faculdade de Medicina da Bahia.

Preparador, por concurso, do Laboratório de Farmácia e lente catedrático de Farmacologia de 1891 a 1917, era dotado de largos conhecimentos na sua especialidade.

Foi intendente municipal e, como tal, se envolveu nas primeiras providências necessárias à solução dos problemas surgidos com o incêndio ocorrido na Faculdade de Medicina, em 1905, que, lastimavelmente, atingiu a Biblioteca, cujo acervo foi consumido pelas chamas. Segundo o Dr. Britto, “ [...] da importante biblioteca da Escola não escapou um só volume, sendo incineradas 14 mil obras em 22 mil volumes, todos preciosos e raros” (BRITTO, 2002, p. 314)



**FREDERICO DE CASTRO REBELO KOCK ( 1880 – 1919)**

Natural de Salvador, colou grau de Farmacêutico pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1898.

Foi professor catedrático de Farmacologia de 1917 a 1919.



**ANTÔNIO BEZERRA RODRIGUES LOPES (1890 – 1937)**

Maranhense, colou grau em Farmácia pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1913. Foi professor substituto de Farmacologia e Arte de Formular, por concurso, de 1921 a 1925; professor catedrático de Farmacologia, de 1925 a 1937; professor interino de Farmácia Galênica em 1927 e 1928, de Farmácia Química em 1929, de Farmácia Galênica e Farmácia Química, de 1930 a 1935, e se tornou professor privativo de Farmácia Galênica, por concurso, em 1936 .

O professor José Carlos Ferreira Gomes no seu discurso de paraninfo dos Farmacêuticos que colaram grau em 1938, refere-se ao professor Bezerra Lopes dizendo ser “o mestre perfeito e correto, poucos como ele tiveram o sentido didático, o segredo da explicação, a cultura variada e profunda. Era amigo do aluno, diante do qual nunca levantou a muralha chinesa

para separar a cátedra do banco”. Falou ainda o Dr. Ferreira que a morte de Bezerra Lopes representou para a Escola Anexa de Farmácia , a quem deu tanto amor e vida, e para os farmacêuticos baianos, uma falta impossível de ser avaliada.



## **ANEXO 2 – FARMACOPÉIAS**

Da necessidade de organização do conhecimento relativo às substâncias que, direta ou indiretamente, são capazes de exercer ação sobre a saúde do homem, suas características, propriedades e formas de preparação para fins terapêuticos, surgiu a ideia de serem reunidas em um compêndio todas aquelas informações até então existentes, referentes a tais substâncias, tendo como objetivo padronizar o procedimento a ser seguido no preparo dos medicamentos, na tentativa de evitar possíveis erros no manipular, no aviar receitas, pois nessa atividade, um engano poderia ser fatal.

Tais compêndios foram denominados FARMACOPÉIAS, códigos específicos para o proceder dos boticários e que se constituíram, ao longo dos anos, a bíblia do farmacêutico. É o suporte técnico-científico do estudo da Farmácia Galênica.

As Farmacopéias entraram em uso, em Portugal, no século XVIII. Através Alvará de 07 de janeiro de 1794, o Príncipe Regente fez publicar a Pharmacopéia Geral “para que nos meus Reinos e Domínios fosse uniforme a preparação e composição dos medicamentos, e deste modo se prevenissem e evitassem os descuidos e enganões, e falta da necessária cautela em tão interessante artigo”.

### **FARMACOPÉIAS USADAS EM PORTUGAL E NO BRASIL**

- Farmacopéia Tubalense Química Galênica – do farmacêutico português Manoel Rodrigues Coelho (1751).

- Primeira Farmacopéia Lusitana, organizada pelo boticário do Mosteiro de Santa Cruz, D. Caetano de Santo Antonio.
- Farmacopéia Dogmática Médico-Química, 1772 – Frei João de Jesus Maria, monge beneditino.
- Farmacopéia Geral para o Reino de Portugal e Domínios – de Francisco Tavares – publicada em 1794, reimpressa em 1824. Vigorou no Brasil até a independência.
- Farmacopéia Ulissiponense Galênica e Química – de João Vigier, farmacêutico francês.
- Pharmacopée Universelle – Paris, 1828, reeditada em 1840, do médico francês Antoine Jacques Louis Jourdan.
- Código Pharmacêutico Lusitano – Coimbra, 1835.
- Codex Medicamentarius Gallicus – código francês adotado no Brasil desde 1837.
- Nouveau Formulaire Magistral – Paris, 1840, do farmacêutico e químico francês Apollinaire Bouchardat.
- Formulário – do Dr. Pedro Luiz Napoleão Chernoviz – 1841.
- Traité de Matière Médicale et de Therapeutique- Paris, 1843, do farmacêutico e médico francês François Foy.
- Farmacopéia Paulista – a primeira editada no Brasil e teve como responsável o farmacêutico paraibano João Florentino Vieira de Vasconcelos. Foi adotada pelo Governo do Estado de São Paulo em 31/03/1917.

- Farmacopéia dos Estados Unidos do Brasil – do farmacêutico Rodolpho Albino Dias da Silva – por Decreto nº 17.509 de 04/11/1926 foi aprovada para todo o território nacional como CÓDIGO FARMACÊUTICO BRASILEIRO, obrigatório desde 15/08/1929.

**Nota:** Em 1852, pelo Aviso de 07/10 do Ministro do Império, foi permitida a utilização de outras Farmacopéias e formulários estrangeiros. Antes só a francesa, enquanto não houvesse a brasileira.



## ANEXO 3 - ORAÇÃO DO FARMACÊUTICO

*Alvaro de Albuquerque*

Bendito sejas tu!...Que em horas mortas,  
Para servir um lar que a dor invade,  
Vais abrir tua porta com bondade  
Quando o sono fechou todas as portas!

Bendito sejas tu!...Que mal suportas,  
Dos venenos a cruel letalidade  
e os transforma, por bem da humanidade,  
Nos bálsamos que arrancas das retortas!

Quando o mundo chegar a novas eras,  
Quando os homens, em vez de serem feras,  
se unirem pela força dos ideais

Erguer-se-ão monumentos de granito  
Em cujos pedestais se tenha escrito:  
FARMACÊUTICO só! Para que mais?



## ANEXO 4 - HINO DO FARMACÊUTICO

*Pedro Achilles Giuntini – Professor de Química Farmacêutica da FFAR*

Somos nós os vanguardeiros

Da saúde noite e dia.

Trabalhamos sem cansaço,

Sempre com sobrançeria.

Preparando as baterias,

Para a luta contra o mal.

Damos mãos à Medicina

Tendo em mira o mesmo ideal.

No embate em prol da vida,

Tréguas não sabemos dar

Pois é nosso grande lema:

Vencer e nunca recuar.

Sus! A postos, Boticários!

Pra frente! Nada temer.

Nosso dever é o empenho,

Da saúde defender.





## **ANEXO 5 – CONCLUINTES DO CURSO DE FARMÁCIA DE 1836 A 1851**

**1836**

José Firmino de Araújo

**1838**

André Aduci

Manoel José Jorge

**1839**

João Mars Antonio Maria

**1841**

Malaquias José Netto

**1843**

Antonio Policarpo Araponga Matoim

Belchior de Souza e Silva

José Maria Gonçalves Ramos

Olegário José da Costa Cerqueira

Ricardo José Gouveia

**1844**

Antonio José de Britto

Joaquim Martinho da Cruz Corrêa

Reginaldo José de Miranda Filho

**1845**

Carlos Manoel da Silva Junior

Felicíssimo Moreira Martins

Geraldo Victor Bahiense

Marcellino José Jorge

**1846**

Antonio José Alves

Aristides Ferraz Moreira

Manoel Rodrigues da Silva Filho

**1847**

José Cezinando Avelino Pinho

José da Motta Rebello

Luiz de Araújo Lemos

Theodoro Vieira do Couto

**1848**

José Caetano de Carvalho

Jesuino Fernandes de Araújo Santos

**1849**

Augusto Caors

Herculano Gomes de Souza

João da Conceição Bravo

José Caetano Pereira Pimentel

**1850**

Antonio Francisco de Andrade e Silva

João Domingues Vieira

Joaquim Avelino Antunes

Pedro Severiano Dantas

**1851**

Amancio Mendes de Oliveira

Benjamin Cincinnato Utingacú

Claudino Falcão Dias

Miguel da Costa Dourado

**1852**

Heráclio José da Costa Cerqueira

Joaquim de Almeida Pinto

José Henrique Barbosa de Oliveira  
Prudencio Constancio da Cunha Britto  
Trajano Moreira Guimarães

### **1853**

Antonio Bazílio da Cunha Bacelar  
Joaquim Teixeira de Assis  
José Antonio Tupinambá  
Vicente José de Britto

### **1854**

Antonio Francisco das Neves  
Augusto Cesar Marques  
Frutuoso Ferreira Corrêa Pires  
Hermenegildo Neves de Almeida  
João Gonçalves de Carvalho  
José Martins dos Santos Penna  
Manoel Caetano Pereira de Senna

### **1855**

Felinto Elysio Pinheiro  
Francisco Antonio de Oliveira  
Francisco Xavier de Paiva  
Manoel Agostinho da Silva  
Manoel Alves Barbosa  
Manoel de Aragão Gesteira  
Manoel de Barcellos Marinho  
Manoel Martins dos Santos Penna  
Vicente Tideschy

### **1856**

Antonio Serafim de Almeida  
Candido do Prado Pinto  
Candido José de Moraes  
Domingos Gomes Borges

Galdino Fernandes da Silva  
Galdino de Freitas Britto  
João Baptista Dias  
João Francisco de Castro  
José Augusto Barbosa de Oliveira  
José Vicente de Oliveira Mendes  
Juvencio Pereira do Couto  
Manoel Alves da Costa Ferreira  
Polycarpo José Pinheiro

### **1857**

Ciro Gomes Barriga

### **1858**

Augusto Mendes de Moura  
Carlos Bernardes Rosa  
Cizínio dos Humildes Pacheco  
Felix Rodrigues Seixas  
João Duarte Ferreira  
Manoel Francisco de Oliveira  
Manoel José da Cunha  
Marcellino dos Santos Lima  
Marcolino José do Bomfim  
Perminio Corbiniano de Araújo Jatobá

### **1859**

Acelino Carmo Pereira dos Santos  
Augusto Cesar de Azevedo Guedes  
Francisco Dornellas Pessoa  
Irenio de Souza Britto  
José Constantino da Silveira Coelho  
Lucio Flosculo da Silva  
Manoel Dias Pereira  
Marcolino Dias de Andrade  
Mathias dos Santos Pinto

Ovidio Thomaz Cupertino

**1860**

Aminthas Silvano de Britto

Antonio José Lopes da Silva

Bernardo Olympio Paes de Souza

Henrique Luiz de Almeida

Joachino Figlio

João Gualberto de Souza Gouveia

Joaquim do Prado Araújo Leite

Lino José dos Santos

Manoel Ignacio Lisboa

Pedro Moura

**1861**

Agostinho José Soares

Alfredo Franklin Lima

Antonio Bernardo Dias Lima

Domingos de Farias Machado

João Augusto Nepomuceno Machado

Joaquim das Virgens Lima

José Pereira Jacintho Junior

Manoel Teixeira Cardoso

Porfirio Antonio Alves Ribeiro

**1862**

Elpidio Francisco de Salles Riera

Euclides Emilio Pires Caldas

Francisco da Silva Loureiro

Francisco Lourenço Tourinho de Pinho

Ignacio de Loyolla Faustino Santarém

José Francisco da Silva Braga

Manoel José da Silva Junior

Maximiano dos Santos Marques

### **1863**

Caetano Lopes da Paz  
Carlos Felipe Rebello de Miranda  
João Xavier Faustino Ramos  
José Pedro de Souza e Silva  
José Pinto de Souza Velloso  
Leovigildo Gonçalves Senna  
Manoel José Alvares  
Ovidio Pinto de Souza Velho  
Vitor José de Medeiros

### **1864**

Antonio Ribeiro de Aguiar  
Firmino Antonio  
João José Doria  
Joaquim Manoel de Sant'Anna  
Pedro Aureliano da Cruz Muniz  
Theodoro José de Abreu Sobrinho  
Thobias Alvin do Amaral

### **1865**

Adriano Francisco dos Santos  
Ignacio Rufino da Penha  
Paulo José da Costa Araújo  
Serafim Jorge de Almeida  
Sylvio Flavio Lopes de Aguiar

### **1866**

Catão José Pereira Arouca  
José Gomes Monteiro  
José Martins Penna

### **1867**

Abel Augusto Cesar de Araújo  
Bernardino Possidonio Rodrigues Borges

Francisco Hermelino Ribeiro  
Francisco Joaquim Saraiva  
Ignacio Manoel de Almeida Chastinet  
Manoel de Almeida Chastinet  
Pedro Amancio de Almeida Motta

### **1868**

Américo Soares Raposo  
Antonio Olympio Paes de Souza  
Aureliano Mucrino Pires Caldas  
Ernesto Augusto Faro  
Francisco Cavalcanti Mangabeira  
Hermes de Souza Pereira  
Jeronimo Vaz de Carvalho  
Joaquim Levi Ferreira Sobrinho  
Manoel Procopio dos Santos Ribeiro  
Possidonio Pinto da Silveira Salles

### **1869**

Antonio Aminthas de Araújo Britto  
Concordio Ferreira dos Santos Reis  
João Baptista Ferreira Ferro  
Joaquim Diogenes Filgueira  
Manoel Rodrigues de Carvalho  
Prudencio José dos Santos  
Sebastião José da Silva

### **1870**

Alfredo José Ferreira  
Alvaro Telles de Menezes  
Antisthenes José Avelino  
Antonio Amancio da Veiga Cabral  
Antonio Pires de Carvalho  
Antonio Vicente de Andrade  
Asterio Marques de Oliveira

Augusto Alves de Abreu  
Candido Job de Carvalho  
Dionisio Rodrigues da Costa  
Eduardo Candido de Siqueira  
Elpidio Rodrigues da Costa  
Francisco das Chagas Araújo  
Francisco Ferreira Maia  
Francisco Querino Bastos  
Guilherme Relave  
Innocencio Francisco da Cunha  
João Vaz de Carvalho  
Licinio José Ferreira  
Lydio Pereira de Mesquita  
Sizínio Ribeiro Pontes  
Urbino José dos Santos

### **1871**

Augusto Flávio Gomes Villaça  
Benedicto Euzebio dos Navegantes  
Candido Monteiro Alves  
Cantidiano das Neves e Silva  
Carlos Luiz de Magalhães  
Corbiniano Coelho Bahia  
Francisco Agripino da Veiga  
Jacob Kirchhofer  
João Fellipe de Siqueira Mendes  
João Fellipe de Souza  
João Luiz Teixeira  
Joaquim de Barros Seixas Loureiro  
Joaquim Esteves de Souza Ribeiro  
José Ricardo Pereira Pitta  
Leonidas Botelho Damazio  
Luiz Antonio Filgueiras  
Manoel Thomaz Pereira do Rêgo



Miguel Gomes de Azevedo Filho  
Philadelpho Manoel Gouvea  
Vespaziano de Aragão  
Virgílio Pinheiro Requião

## 1872

Adolfo Diniz Gonçalves  
Alfredo Ignacio da Silva  
Ananias dos Anjos Costa  
Antonio José da Silva Guimarães  
Carlos Alberto Tourinho  
Carlos da Silva Lopes  
Carlos de Mgalhões Cerqueira  
Christovam Francisco de Andrade  
Euclides Alves Requião  
Eudoxio Aureliano de Oliveira  
Euclides José Galvão  
Gabino do Nascimento Bahia  
Gonçalo Braz dos Santos  
Gualberto da Costa e Silva  
Januario Landi  
João Antonio de Almeida Araújo  
João Damazio Margaritte Rouquayrol  
Joaquim Alves Borges  
Joaquim Antunes da Costa Barros  
José Francisco da Silva  
José Joaquim de Mello  
José Francisco de Moura Junior  
José Joaquim Jordão  
Laudelino Izidio de Araújo Falcão  
Leopoldino Antonio de Freitas Tantú  
Leopoldo Gervis da Silva Castro  
Manoel Casemiro da Rocha Passos  
Manoel Joaquim de Souza Britto

Pedro Fernandes Ribeiro  
Pedro Luiz Celestino  
Rufino Abdon de Monsenhor Marques

### **1873**

Emigdio Francisco Tavares  
Ernesto Diniz Gonçalves  
Francisco Antonio Vieira da Silva  
Guilhermino Amancio Bezerra  
Henrique Affonso Botelho  
Joaquim Freire Monteiro  
Joaquim Mauricio Cardoso  
José Francisco Taboca  
José Satyro Barbuda  
Vasco Theopisto de Oliveira Chaves

### **1874**

Antonio Martins de Novaes  
Dionisio José da Silva  
Francisco Leocadio de Castro Neves  
Francisco Rodrigues de Albuquerque  
João Antonio Martins Novaes  
João Esteves da França Pinto  
João Evangelista da Silva  
João Gualberto Correia Souto  
João Sabino de Lima Pinho  
Joaquim Antonio dos Santos  
José da Silva Baraúna  
Lourenço da Silva e Oliveira  
Manoel Arvellos Bottas  
Manoel Tiburcio Garnet  
Pedro Leite Chermont  
Raymundo Soter de Araujo  
Simeão da Motta Rebello

## **1875**

Affonso da Rocha  
Antonio Epaminondas Borges  
Cantidiano José de Oliveira  
Carlos Bittencourt  
Ceciliano Soledade  
Deusdedit da Silva Valle  
Eduardo Dotto  
Elpidio Cavalcanti de Mello  
Elpidio Ribeiro Nunes  
Ernesto José dos Santos Machado  
Euphrasio José da Cunha  
Francisco Joaquim da Silva Senna  
Geraldo José de Souza Barretto  
Germiniano Dias Pereira Pinto  
Ignacio Pereira de Borba  
Ildefonso Leite Falcão Dias  
João da Silva Silveira  
João Paulo Raphael Pradon  
José Justiniano Castilho Brandão  
Norberto da Silva Ferrás  
Pedro Martins Pires  
Raphael Gonçalves de Salles  
Rodolpho Marcos Theophilo  
Severino Augusto de Freitas  
Tiberio Alvaro de Oliveira  
Virgilio de Moraes Albuquerque Maranhão

## **1876**

Acebiades Ferraz Moreira  
Arthur Raul Pinheiro  
Herculano Cyrillo Bricio Bezerra Montenegro  
João Climaco Machado Peçanha

José Herculano Ribeiro Guimarães  
Manoel Angelo de Andrade  
Tiburcio Suzano de Araújo

### **1877**

Agenor da Cunha Britto  
Alfredo Casemiro da Rocha  
Francisco Freire de Mesquita Dantas  
Francisco Napoleão da Silva Lôbo  
Glicerio Alves da Silva Boaventura  
Gustavo Antonio de Souza Lisbôa  
Hyeroclio Eloy Pessôa de Barros  
João do Prado Misael Baptista  
Lino Antonio Ferreira  
Luiz Ignacio de Andrade Lima  
Pedro Celestino dos Santos Dantas  
Ramiro Ramos de Oliveira  
Sabino José de Aragão

### **1878**

Antonio Martins Fontes Sobrinho  
Arthur Pedreira  
Bruno de Moraes Bittencourt  
Carlos Augusto Freire de Carvalho  
Collet Antonio da Fonseca  
Francisco Leite Chermont  
Gregorio Mauricio Bella  
Joaquim Anselmo Rodrigues Ferreira  
José Gonçalves de Albuquerque  
Presidio Elpidio de Assis  
Saturnino Manoel da Motta Lima

### **1879**

Alcebiades Irineo de Oliveira Baptista  
Antonio Martiniano Veras

Archimino Pereira da Fonseca  
Ascendino da Natividade Moutinho  
Bernardo Carlione de Oliveira Guimarães  
Germino da Cunha Britto  
Inacio Gonçalves Nogueira  
João Joaquim da Fonseca  
Joaquim José de Sant'Anna  
Jovino Odilon Castello Branco  
Liberalino Guedes Palmeira  
Manoel Hermelino Ribeiro  
Manoel Teixeira Garcia

### **1880**

Anisio Muniz Gomes  
Antonio Alves Pereira Rocha  
Antonio Baptista Bittencourt Jor  
Arthur de Sá Cavalcanti de Albuquerque  
Constantino Vieira Machado  
Honorio Moreira de Carvalho  
José Bernardo Cysneiros da Costa Reis  
Julio Mariath  
Manoel Antonio Taveira Pau Brasil  
Manoel de Azevedo Silva Ramos  
Manoel Marcellino Guimarães  
Marciano Pereira dos Santos Beirão

### **1881**

Alfrêdo Teophilo Hoenwickel  
Augusto Candido de Seixas  
Francisco Antonio Monteiro  
Francisco Urbino da Costa  
Henrique Gomes de Menezes  
Honorio Ferreira de Moura  
Isaias Pinto da Silva

João Vicente Sapucaia  
José Braz da Conceição e Silva  
José Eloy da Costa  
José Gabriel da Costa  
José Julio de Calazans  
Julio Rodrigues Damaceno  
Leoncio de Barros Reis  
Manoel Collaço Brandão Veras

## **1882**

Adriano Lopes Villas-boas  
Alfrêdo Gentil de Albuquerque Rosa  
Antonio Augusto de Góes Tourinho  
Antonio Victorino de Araujo Falcão  
Augusto Frederico de Lacerda e Almeida  
Benvenuto Augusto Muniz Barretto  
Carlos Studart  
Cesar Pedro dos Santos  
Cleomenes Eumiciano Borba  
Emilio de Menezes Sampaio  
Firmino Antonio da Silva Graça  
Francklin Cavalcanti de Barros Rebello  
Galdino Ferreira de Moraes Sarmento  
Henrique das Mercês Jansen  
Henrique Diniz Gonçalves  
João Martins Pereira  
Joaquim Correia Rolla  
José Horacio Correia de Carvalho  
José Luiz da Silva  
Juvenal José da Silva Conrado  
Luiz Bernardo Dentice  
Manoel Caetano da Silva  
Manoel Ignacio Penna  
Pedro José dos Santos Sobrinho

Pedro Rodrigues Guimarães  
Raymundo Nonato da Costa  
Telesphoro Estellita Garneth

### **1883**

Alpheu Soares Raposo  
Antonio da Costa Simões  
Cicero Terencio de Mattos Pinto  
Eduardo Jansen Vieira de Mello  
Francisco Floro Leal  
Francisco Fortunato Rodrigues do Lago  
Francisco Nathaniel d'Azevedo Ribeiro  
Francisco Salles da Rocha Pitta  
João dos Santos Cardoso  
João Elias Vaz Curado  
José Camerino Pinto da Silva  
José Evangelista Maciel  
José Lino da Justa  
José Pedro Alves Cordeiro  
Manoel Rodrigues da Silva  
Pedro Ivo Fiel de Andrade  
Virgilio Augusto Lopes  
Virgilio do Valle Vianna

### **1884**

Alfrêdo Augusto da Silva  
Alfredo Mendes Ribeiro  
Antonio Albano da Silva  
Antonio Ferreira de Britto Travassos  
Arthur Corino Pinheiro  
Caetano Gomes Powell  
José Felício Tota  
Leopoldino do Rego Gomes  
Luiz Rodrigues de Carvalho  
Pedro Tupinambá Chastinet

## 1885

Adolpho Arthur Raposo da Camara  
Agapito Cicero Sampaio  
Agrario Barbosa de Carvalho  
Alfrêdo Gastão Leal  
Alfrêdo Paes de Barros  
Amaro de Lelles Piedade  
Americo Gomes Ferro  
Antonio Augusto do Amaral  
Aristoteles Ramos de Menezes  
Carlino Pinho  
Carlos Alfredo Soullie Tribollet  
Cincinnato Augusto Pamponet  
Eleasar Pereira da Cunha  
Eustaquio Luiz de Hollanda  
Exequiel Manoel de Almeida  
Firmino de Aquino Vasconcellos  
Floriano Pereira Serpa  
Francisco Teixeira de Faria  
Fulgencio Orozimbo Alvares  
Horacio Martins de Almeida  
Jesuino Egipciano de Lima Moura  
João Vital de Mattos  
José Alves Boaventura  
José Antonio Pinto Junior  
José Cesar de Cerqueira  
José Eduardo Soares dos Santos  
Josino Odorico de Menezes  
Joviniano Pinto da Silva  
Manoel Evencio da Cruz Junior  
Marcellino José de Souza  
Patricio José Guedes  
Pedro de Souza Menezes



Vicente Guedes de Araújo Pereira  
Virgilio Crescencio Uzêda

**1886**

Bernardo Floriano Correia de Britto  
Bruno Gaspar de Oliveira  
Durval Joaquim da Matta  
Euzebio de Britto Cunha  
Florindo Francisco da Silva Pimentel  
Ismael Candido da Silva  
Jacome de Mattos Coelho Sampaio  
João Duarte Guimarães Junior  
João Gualberto Ferreira Lima  
Joaquim Rodrigues Guimarães  
José de Azevedo Maia e Silva Junior  
José de Miranda Ribeiro  
Luiz Americano de Figueiredo  
Luiz Caetano de Faria  
Luiz Francisco dos Santos  
Luiz Vieira Lima Guimarães  
Manoel Febronio da Fonseca Brasil  
Manoel Felix de Britto Cunha  
Mathias Lobato Velho Lopes  
Pedro Botelho de Aragão  
Prisciano Vieira dos Santos  
Raymundo Firmino de Assis  
Raymundo Leopoldo Coelho de Arruda  
Theodomiro dos Santos Silva  
Thomaz de Aquino Gaspar Filho  
Turibio da Silveira Fontes

**1887**

Americo Duarte Ferreira  
Annibal Pereira da Silva Lima

Antonio Evaristo Bacellar  
Antonio Francisco de Castro Pereira  
Antonio Joaquim da Costa Pires  
Antonio Miguel Lobato  
Antonio Ribeiro de Barros  
Aristides de Souza Menezes  
Arthur Brusque  
Bernardino Fernandes da Silva  
Bruno Manoel de Carvalho  
Caio Joaquim de Carvalho  
Carlos Ramos  
Fernando de Aquino Gaspar  
Flavio de Souza Mendes  
Francisco Augusto da Silveira  
Francisco França Dantas  
Francisco Hora de Magalhães  
Francisco José Carvalho de Freitas Filho  
Galdino de Castro e Silva  
Helvecio Vieira Campos  
Hermelino Valeriano Ferreira  
Horacio Thomaz Mellors  
Irenio José de Faro  
Isaias Alves Requião  
João Cezimbra Fairbancks  
João de Aguiar Silva Martins  
João Pontes de Carvalho  
Joaquim Antunes de Almeida  
Joaquim Theophilo dos Anjos  
José Francisco da Silva Lima Junior  
José Marques Ferreira  
José Pinto de Moura  
José Porfirio de Sá  
Leonardo Borges Falcão

Liberato Celestino  
Luiz de Figueiredo Martins  
Manoel José de Mello Junior  
Olegario Pires de Cerqueira  
Pedro Aureliano Monteiro dos Santos  
Pedro Rodrigues da Costa Doria  
Raymundo da Camara Barretto Durão  
Samuel Chaves de Souza  
Secundino Rapôso de Britto  
Serapião de Aguiar Mello  
Socrates Zenobio Pinheiro

### **1888**

Affonso Ernesto da Silva  
Alfonso Smaragdo de Oliveira  
Alfrêdo Jacintho Franco  
Alfrêdo Moreira da Rocha  
Antonio de Oliveira Guena  
Antonio Vieira de Figueirêdo  
Arnaldo Pereira da Silva Lima  
Carlos da Silva Loureiro  
Collatino Borburema  
Eduardo Lins Ferreira de Araujo  
Francisco Dias da Costa  
Gamabiel da Cunha Britto  
Germino Francisco Coelho  
Ildebrando Gomes do Rêgo  
João Agapito de Monte  
João Antonio de Mattos Valle  
Joaquim Posthumo de Padua Lins  
José Antonio de Freitas Guimarães  
José de Assis Souza  
José Domingues da Cunha Bacellar  
José Fructuoso Dias Netto

José Gabriel de Almeida Paim  
José Honorino de Oliveira  
José Pinto de Miranda  
José Rodrigues Ribeiro  
José Valeriano de Souza  
Luiz Felipe Leal  
Luiz Pacifico Caracas  
Manoel Baptista Leoni  
Manoel do Nascimento Monteiro Vianna  
Manoel Ladislau de Aranha Dantas  
Manoel Luiz Vieira Lima  
Oliverio Lydio Pereira de Oliveira  
Oswaldo Guilherme Studart  
Severiano Emilio de Figueirêdo  
Simplicio Antonio Mavignier  
Thomaz Alves de Souza Bem  
Thomaz Ferreira de Carvalho Sobrinho  
Virgilio Tourinho de Bittencourt  
Vitor Hermenegildo Leoni

## **1889**

Affonso Moreira Loyolla Barata  
Agostinho da Silva Leal  
Alexandre Tupinambá  
Alfrêdo de Araújo Rêgo  
Anisio Rosa Soares  
Antonio Ferreira da Fonseca Junior  
Antonio Francisco de Carvalho  
Antonio José Alves de Souza  
Antonio Pergentino de Moraes  
Antonio Pinto Nogueira Brandão  
Arthur de Figueirêdo Rebello  
Braulio Carolino de Menezes  
Brazilio Raymundo de Seixas

Caetano Machado da Fonseca Marinho  
Carlos Emilio Antunes  
Clementino Luiz do Monte  
Cleophano Meirelles  
Cyrillo Victorino dos Santos  
Dario Soares de Azevedo  
Edgardo Henrique Albertazzi  
Eduardo Leger Lobão Junior  
Eliseu Dominiense da Conceição Souza  
Fabio d'Utra e Silva  
Francisco de Vasconcellos Hora  
Fructuoso Vicente Bulcão Vianna  
Horacio José Soares  
João Antonio da Costa Doria  
João Ricardo da Costa Filho  
José Esteves Frederico da Costa  
José Innocencio Cocio  
José Jacintho de Camerino  
Lazaro Candido da Silva  
Liberalino da Costa Duarte  
Manoel Amado Coitinho Barata  
Manoel de Freitas Guimarães  
Manoel Francisco Tavares  
Manoel Vergne de Abreu  
Miguel Carlos da Costa Simões  
Olympio Coelho Leal  
Pedro Celestino Pereira da Fonseca  
Randolpho Pereira de Serzedelho  
Raymundo Nonato Vieira Braga  
Zacharias Olympio Paes

## **1890**

Acacio Fernandes de Carvalho  
Antonio Ladislau de F. Seixas

Antonio Leiras Leite  
Arlindo Joaquim de Lemos  
Arthur de Almeida Botêlho  
Arthur de Arruda Sampaio  
Arthur Leite de Oliva  
Candido Elpidio Vacarezza  
Francisco Lobato Velho Lopes  
Henrique Roberto Cheney  
Ignacio Pinheiro Jardim  
João Alfrêdo Marsillac Motta  
João Coelho Moreira  
João da Costa Moreira  
João Dimshee Abranches de Moura  
João Fabregas y. Pla Junior  
João Gonçalves Coitinho  
Joaquim Emereciano  
Joaquim Lino de Medeiros  
José Spinola de Athayde  
Leopoldo Noronha  
Luiz Maria Soncheyre  
Manoel Baptista Itajahy  
Manoel Sampaio Marques  
Octavio Tavares da Costa Miranda  
Pedro dos Santos Ornellas  
Pedro Juvenal Cordeiro  
Sylvio Teixeira Mendes  
Trifino Thomaz de Aquino

## **1891**

Abilio Nelson Baeta Neves  
Adalberto Aurelio do C. Leoni  
Alvino Ferreira de Aguiar  
Antonio Pereira Braga Guimarães  
Archimedes Ferráz Moreira

Benicio Alvaro Gonçalves  
Bruno Jorge de Almeida  
Cicero Peçanha  
Francisco de Araujo Borges  
Francisco José Pinto  
Francisco Xavier de Mattos  
João Dias de Freitas  
José Feliciano Carr Bustamante  
José Ferreira Cantão Junior  
Luiz Antonio Soares  
Raymundo Gonçalves Nogueira  
Viridiano Luiz Damazio

## **1892**

Adolpho Duarte da Silva  
Alfrêdo Aurelio de Castro  
Antonio José Sobral Leite  
Antonio Ricaldi da Rocha Castro  
Francisco Augusto de Barros  
Gláfrica Corina de Araujo  
Isaias Pereira Soares  
João Alberto de Oliveira Martins  
João da Costa Ferraz  
Joaquim de Britto Pontes  
Joaquim Pinto Machado  
Joaquim Tavares Vianna  
Joviniano Joaquim de Carvalho  
Tobias Rebello Leite Sobrinho  
Theodoro Lopes de Abreu

## **1893**

Adolpho Thiele  
Alcino de Mattos Brasil  
Aristides José de Oliveira

Clemente de Castro Tanajura Guimarães  
João Rodrigues de Almeida Bastos  
Manoel dos Santos Rangel

## **1894**

Alfrêdo Lobão  
Armando de Calazans  
Bento Ferreira Crespo  
Calixto Ribeiro Soares  
Emilio Chenaud  
Epimaco de Araújo Mello  
Etelvino Cortez  
Euphrasio José Rodrigues  
Eugenio Antonio Guimarães  
Felippe Machado Pedreira  
Flavio Nelson Solposto  
Horacio Pereira San Iago Junior  
Irineo Erasmo Iye Jutuca  
Jeronimo Ignacio Brandão  
João Americo Garcez Fróes  
João Peronse Pontes  
João Pulcherio da Silva Falcão  
José Adeodato de Souza  
José Braga Guimarães  
José Martins dos Reis  
Manoel Augusto Gomes Guimarães  
Marcellino Alves da Costa  
Mario de Oliveira  
Miguel Archanjo Ribeiro Folha

## **1895**

Americo Vespucio Carneiro Leão  
Antonio Eduardo de Campos  
Arthur Augusto da Silva Lima



Benedicto de Oliveira Guena  
Bento Carlos Luschnath  
Bernardino José Martins  
Domingos Martins Pereira Monteiro  
Francisco Antonio Antunes  
Francisco Pereira da Silva Reis  
Francisco Xavier Leal de Oliveira  
Grato Mario David  
Glycerio Pires de Carvalho  
Henrique Chenaud  
João Olympio de Lemos  
João Pedro Antunes  
Joatha de Aquino Braga  
José Augusto de Magalhães  
José Fernandes de Barros  
Leopoldo Americo Brasileiro  
Manoel de Moraes Novaes  
Pedro Affonso Antunes  
Rogerio Cornelio da Maia Pitombo  
Salvador Calmon de Siqueira

## **1896**

Abdon de Alencar Monte Alegre  
Alvaro Guimarães  
Antonio de Castro Pinto  
Candido Eudoso Correia  
Demetrio Manoel da Silva  
Francisco Borges de Moura  
Francisco Xavier Rosa Soares  
Galdino Dias Pereira  
João Dantas de Magalhães  
Joaquim Ignacio Torres  
José de Britto Pereira  
José Hugo Pompilio Passoa

José Narciso Dias Teixeira de Queiroz Jor.  
José Penalva de Farias  
José Virginio Martins  
Julio Claudio Gonçalves Plech  
Leonel Soares de Alcantara  
Leopoldo Ribeiro da Silva Junior  
Luiz de Castro Andrade  
Manoel Frazão Correia  
Mario Borges Mamede  
Pedro de Alcantar da Silva Coitinho  
Pedro Firmino Loureiro  
Pedro Soares  
Rosalvo Rêgo  
Theophilo de Hollanda Cavalcanti  
Vivaldo Palma Lima

## **1897**

Adolpho Vianna  
Adriano de Magalhães Fontoura  
Agenor de Souza Telles  
Akilles de Faria Lisboa  
Alexandre Evangelista de C. Cerqueira  
Alfrêdo Accioly do Prado  
Alfrêdo de Almeida Couto  
Alfrêdo Thomé de Britto  
Almerindo Thomaz Malcher Bacellar  
Antonino Baptista dos Anjos  
Antonio Augusto de F. Pitta  
Antonio Ayres de Almeida Freitas  
Antonio Bomfim de Andrade  
Antonio Bonifacio de S. Brandão  
Antonio de Aquino Braga  
Antonio Filgueiras Sampaio

Antonio Garcia Rosa  
Antonio José Gomes  
Antonio Moreira Maia  
Antonio Nina Rodrigues  
Arthur Eduardo Seixas  
Arthur José Bastos  
Arthur Nilo de Sant'Anna  
Arthur Semeão da Motta  
Ascanio de Alcantara dos G. Peixoto  
Augusto Cesar Vianna  
Aurelio Pereira de Miranda  
Braz Hermenegildo do Amaral  
Bruno de Miranda Valente  
Camerino Teixeira de Freitas  
Camillo Lelles de Souza  
Carlos de Freitas  
Ceciliano Alves de Nazareth  
Cesario Ferreira  
Christovam Ferrando  
Constantino Possidonio Guimarães  
Dario José Peixoto  
Domingos Firmino Pinheiro  
Eduardo Gordilho Costa  
Eutychio Conceição Maia  
Fabio Lyra dos Santos  
Felix Valvis de Sant'Anna  
Fernando Soledade  
Filogônio de Souza Peixoto  
Flaviano Innocencio da Silva  
Fortunato Augusto da Silva Jor.  
Francisco Braulio Pereira  
Francisco da Luz Carrascosa  
Francisco Eduardo Cox

Francisco Pinheiro de Lemos  
Gastão Florêncio dos Passos  
Godofredo Frederico Wilken  
Gorgonio José de Araujo  
Guilherme Pereira Rebello  
Gustavo Martins de Cerqueira  
Ignacio Monteiro de Almeida Gouvêa  
Jeronimo Fernandes Gesteira  
João Agrippino da Costa Doria  
João Antonio da Costa Doria  
João da Rocha Dias  
João Dias Muniz Barreto  
João dos Santos Ferreira  
João Ferreira Caldas  
João Francisco Lopes Rodrigues  
João José Henriques  
João Leite de Bittencourt Calazans  
João Marques de Sant'Anna  
Joaquim da Silva Peixoto  
Joaquim Domingues Lopes  
Joaquim Ferreira Lima  
Joaquim Paulo de Souza Junior  
José Amancio Carneiro da Motta  
José Carneiro de Campos  
José Eduardo Freire de Carvalho Filho  
José Olympio de Azevedo  
Justino Dias Pinto  
Luiz Cesario Ferreira  
Luiz Gonçalves da Silva  
Manoel Coelho Bahia  
Manoel de Lima Cardoso  
Manoel Martins Vianna  
Manoel Pedro Vieira

Manoel Ricardo Alves da Fonseca  
Manoel Soares Londres  
Matheus Vaz de Oliveira  
Maximiliano Gomes Machado  
Miguel da Silva Villar  
Oscar Joaquim Teixeira  
Pedro Baptista  
Pedro da Luz Carrascosa  
Pedro Emilio de Cerqueira Lima  
Raymundo Eustaquio de Mesquita  
Ricardo Calmon de Siqueira  
Sebastião Cardoso  
Sebastião José dos Santos  
Sigefredo Paraizo Galvão  
Theodoro de Britto Pontes  
Theogenes da Silva Beltrão  
Vitor Francisco Gonçalves

## **1898**

Alberto Guimarães  
Alberto José Leão Martin  
Alfrêdo Antonio de Andrade  
Alfrêdo Augusto Maciel  
Alfrêdo Ferreira de Barros  
Alfrêdo Ribeiro dos Reis  
Alvaro Bruno Cavalcante de Britto  
Alvaro da Motta e Silva  
André Eneas Sampaio Lyrio  
Antonio Borges dos Santos  
Antonio Epaminondas de Gouveia  
Antonio Gonçalves da C. e Silva  
Antonio José de Mattos Silva  
Antonio Octavio da S. Moacyr  
Antonio Pachêco Mendes

Antonio Romão Cavalcante  
Appio José Lopes  
Aristides Americo de Magalhães  
Armando Appio de M. Medrado  
Arthur José da Silva  
Augusto Ribeiro da Silva  
Barão da Matta Bacelar  
Carlos Cavalcanti Mangabeira  
Cesar Francisco Gonçalves  
Cincinnato Telles Guariba  
David Fernandes Gonçalves Bastos  
Deocleciano Ramos  
Eduardo Albertazzi Diniz Gonçalves  
Eduardo José de Araújo  
Epaminondas Pinto da Rocha  
Ernesto Caetano de Almeida  
Ernesto Medice  
Esmeraldo Ignacio de Andrade  
Eustaquio Daniel de Carvalho  
Everaldino Cicero de Miranda  
Fidemiano José da Costa Faria  
Francisco João Fernandes  
Francisco José de Magalhães  
Frederico de Castro Rebello Kock  
Frederico Ramalho de Oliveira  
Fulgencio Martins Vidal  
Gongalo José Lopes  
Guilherme Pereira da Costa  
Hermano José de Sant'Anna  
Honorato José Sant'Anna  
João Candido da Silva Lopes  
João de Queirós Monteiro  
João Sabino de Lima Pinho Filho

Joaquim dos Reis Magalhães  
Joaquim Rodrigues Ferreira  
Joaquim Veridiano de Araújo Lopes  
José da Cunha Peixoto  
José de Aguiar Costa Pinto  
José Eduardo Freire de Carvalho  
José Leoncio de Medeiros  
José Lopes Patury  
José Luiz Ferreira  
José Pedro de Sant'Anna  
Jovino da Trindade Miranda  
Julio Clementino Palma  
Julio de Lemos Medeiros  
Julio Pervuse Pontes  
Julio Sergio Palma  
Juvencio da Silva Gomes Junior  
Laurindo Pereira de Almeida Franco  
Leopoldo Accioli do Prado  
Manoel Antonio Melgaço  
Manoel Bayma de Moraes  
Manoel José de Araújo  
Manoel Luiz Freira  
Manoel Pereira Espinheira  
Mario Gonçalves Barata  
Maurilio Pinto da Silva  
Messias José dos Santos Patury  
Miguel Lima Mendes  
Militão Barbosa Lisbôa  
Nicanor José Ferreira  
Nicanor Philo-Creão  
Octavio Alves de Britto  
Oreste Maffei  
Paulo Eugenio David

Pedro Calixto de Mello  
Prudente de Oliveira Cunha  
Raymundo José de Andrade  
Saturnino Luiz da Bôa Morte  
Umbelino Heraclio Muniz Marques  
Valentim Antonio da Rocha Bittencourt  
Virgilio Pereira da Silva  
Virgilio Ramos  
Zeferino Camello Rodrigues

### **1899**

Abelardo Teixeira de Assis  
Adolpho Rebello Leite  
Americo Teixeira Mendes  
Antonio Alves de Freitas B. Filho  
Antonio Christovam de Freitas  
Antonio Varandas de Carvalho  
Auxencio Alves de Souza  
Bento Urbano da Costa  
Cesar Augusto de Lima  
Christierno Barbosa de Vasconcellos  
Clodoaldo Carvalho de Britto  
Durval Madureira Freire  
Eduardo Henrique Martinelli  
Emigdio José Leal  
Emilio Teixeira dos Santos Imbassahy  
Felippe Alves da Costa  
Fernando de Souza Guarany  
Francisco de Barros Pimentel Franco Jor.  
Francisco Muciano de Carvalho  
Francisco Muniz Ferrão de Aragão  
João Alves Feitosa Franco Filho  
João Baptista Gonçalves  
João Machado de Aguiar Mello



Joaquim Acicio Monteiro de Mattos  
Joaquim Glycerio Pires  
Joaquim Leal Ferreira  
Johannes Climensen  
José Agrippino Riguim Costa  
Julio Soares de Pinho  
Manoel de Moraes Bittencourt  
Manoel Herculano d'Almeida Cunha  
Manoel José de Pinho  
Manoel Lopes Vergosa  
Manoel Pires de Carvalho  
Maria Leite Velloso  
Mario Teixeira de Assis  
Nuno da Silva Rocha  
Orlando Ferreira  
Pedro do Rêgo Barros Cavalcanti  
Raphael José Jambeiro  
Rosalvo Teixeira de Assis  
Silvino Pacheco  
Theodoreto Archanjo do Nascimento  
Torquato Henrique da Silva Loureiro  
Xisto Jorge dos Santos  
Zacharias Fernandes Vinhas

## **1900**

Adolpho dos Santos Guerra  
Albano do Prado P. Franco Junior  
Albino Arthur da Silva Leitão  
Alfrêdo de Barros Lameiro Brandão  
Americo Bemal de Oliveira Chaves  
Americo Celestino Franco de Sá  
André Pinto de Moraes  
Antonio Belisario Cartaxo Dantas  
Antonio Gonçalves Ramos

Armando Bello Barbedo  
Augusto Manoel de Aguiar Filho  
Aurelio do Prado Vieira  
Carlos Celestino  
Carlos da Silva Lopes  
Clementino da Rocha Fraga Junior  
Eduardo Bizarria  
Flaviano da Silveira Andrade  
Henrique Rodrigues Caó Junior  
Heraclio de Oliveira Sampaio  
João Baptista Leite Belem  
João da Rocha Moreira  
José Eduardo Maia  
José Esmeraldo de Oliveira  
Luiz da Silva Lopes Junior  
Manoel de Barros Loureiro Brandão  
Manoel Xavier de Moraes Vasconcellos  
Octaviano Muniz Barreto  
Octaviano Rodrigues Pimenta  
Octavio Ferreira  
Octavio Joaquim da Tosta Filho  
Odorico Octavio Odilon Filho  
Paulo Francisco de Oliveira  
Pedro Francisco da Silva  
Silverio da Silveira Fontes  
Simphronio Olympio da Costa  
Zacharias José Teixeira Junior

## **1901**

Affonso de Castro Tanajura Guimarães  
Agnello Geraque Collet  
Alberico Diniz Gonçalves  
Alexandre Eraldo Pompilio Passos  
Alfrêdo Clodoaldo de Menezes Figueiredo

Antonio José Rabello Junior  
Antonio Ribeiro Gonçalves  
Antonio Ribeiro Gonçalves Bastos  
Arnaldo Mesquita de Menezes  
Auto Esmeraldo dos Reis  
Diniz Pompilio Passos  
Domingos Candido de Oliveira  
Eduardo Leite Velloso  
Eugenio Francisco do Nascimento  
Euripedes Clementino de Aguiar  
Fabio Cleto David  
Francisco Manoel da Silva Filho  
Jeronimo Sodré Pereira Filho  
João Gonçalves Bandeira  
João Rodrigues Germano Netto  
João Vieira de Macedo  
José Alves da Costa Filho  
José Cabral  
José Cordeiro dos Santos Filho  
José Gomes da Maia Monteiro  
José Pedro Paraíso Galvão  
José Zacharias de Souza Freire  
Julio Emilio de Paiva Rosa  
Leobino Cardoso Ribeiro  
Manoel Guedes da Costa Gondin  
Mario Meira  
Paulo da Conceição Alves  
Pedro Fontes  
Ruffo da Costa Galvão  
Thedeu de Araujo Medeiros  
Thersandro Gentil Pedreira Paz  
Zacharias Coitinho

## 1902

Adrião Martins Vidal  
Agrippino Barbosa Junior  
Alberto Ferreira de Freitas  
Alcebiades Cabral Netto  
Alvaro Borges dos Reis  
Alvaro Pimenta da Cunha  
Alvin Martins Horcades  
Antero Antonio Alves Monteiro  
Antero Olympio Pinto de Azevêdo  
Antonio Carlos Soares de Avellar  
Antonio Gonçalves Periassú  
Antonio Ignacio de Menezes  
Antonio Simas de Magalhães  
Alipio Maia Gomes  
Alvaro da Silva Rêgo  
Arnaldo Cardoso Costa  
Arthur Fróes da Mota  
Arthur Paes de Azevedo Sá  
Augusto de Aquino Braga  
Augusto Esteves Lima  
Augusto Pires Caldas  
Aurelio Ferreira Caldas  
Braulio Alves da Rocha  
Carlos Alberto Tuvo Ronco  
Climerio Ri beiro Guimarães  
Corintho Pinheiro de Carvalho  
Eduardo Mendes Velloso  
Emmanuel Luiz de Sant'Anna  
Eneas Rocha  
Eucharío Viegas da Silva  
Euzebio da Costa Teixeira  
Ezequiel Antunes de Oliveira

Faustino Placido do Nascimento  
Fernando Espinheira da Costa  
Francisco d'Araujo Domingues Carneiro  
Fernando de Oliveira Marques  
Francisco Affonso da Silva  
Francisco Martins da Silva  
Henrique Monteiro Alves  
Hermes Affonso Tupinambá  
Ignacio Gomes Correia Lima  
Isaura Amalia da Cunha  
Jacintho Florencio Gomes  
João Cavalcanti Ferreira de Mello  
João Cesar de Oliveira Leite  
João Cupertino da Silva  
João Damacino de Jesus  
João José de Medeiros  
João Ulysses de Carvalho  
João Virgilio dos Santos  
Joaquim Brasil de Hollanda Cavalcanti  
Joaquim de Almeida Couto  
José Antonio de Barros Leal  
José Antonio Domeque de Barros  
José Antonio Gomes Ladeia  
José Augusto de Azevedo  
José de Araujo Domingos Carneiro  
José Francisco de Araújo Lima  
José Hygino de Souza  
José Ignacio da Silva  
José Matheus Maia  
José Pinto de Mendonça  
José Satyro de Oliveira  
Julio Perfeito da Costa Queirós  
Jusselino Monteiro Filho

Laurentino de Souza Caria  
Leoncio Elesbão dos Reis  
Lindolpho Augusto Brandão  
Luciano Dimas dos Reis  
Luiz Augusto Albernaz  
Luiz Gonzaga de Souza Góes Filho  
Manoel Augusto dos Santos  
Manoel de Toledo Silva  
Manoel Herminio da Silveira  
Manoel Moreira da Rocha  
Miguel Ribeiro da Silva  
Miguel Sylvio Ribeiro  
Nicanor Nery Leite  
Octacilio Rodrigues Lima  
Octavio Jatahy  
Odilon da Silva Conrado  
Olympio Cardoso da Silveira  
Oscar Coitinho  
Pedro Alves da Rocha Pires  
Pedro Soares de Araujo Amorim  
Pedro Vieira de Mattos  
Raphael Ribeiro de Andrade  
Raul Moreira Fragoso  
Raymundo Mariano Dias  
Rufiniano Coelho Sampaio  
Rufiniano Vieira Tosta  
Tertuliano Manzoni  
Theobaldo de Castro Meira  
Tiburcio Felix Braga de Andrade  
Ulysses da Rocha Cavalcanti  
Ulysses Vieira de Melo  
Vicente Telles de Souza Junior

## 1903

Affonso Montenegro  
Agenor de Meirelles  
Agnello Vieira Chaves  
Agostinho Cajaty  
Alarico Nunes Pachêco  
Alberto Moreira Rabello  
Alfredo de Assis Gonçalves  
Alvaro Afranio Peixoto  
Alvaro da Silveira Britto  
Alvaro de Aquino Braga  
Amadeu Furtado de Mendonça  
André Emilio Munier  
Anisio Sabino Loureiro  
Annibal Moreira Sergio  
Antonio de Souz Costa  
Antonio Bastos Nogueira  
Antonio da Costa Theophilo  
Antonio de Almeida Neves  
Antonio Dormundo Martins  
Antonio Pacifico Pereira de Souza  
Armando Augusto Vaz e Silva  
Arthur Pires Caldas  
Audalio Costa  
Augusto Seixas  
Belmiro de Lima Valverde  
Bruno da Justa Menescal  
Carlos Levino de Moura Pereira  
Cesar da Silva Duarte  
Cicero Deocleciano da Silva Torres  
Claudemiro Alves Ferreira  
Constantino da Silva Tavares Filho  
Custodio de Souza Lima

Deocleciano Alves de Oliveira  
Eduardo Leite Leal Ferreira  
Eduardo Lopes Domingues  
Eudoxio Leão Simões  
Francisco Accyoli Martins Soares  
Francisco Pereira da Silva  
Frederico Pereira Regis  
Gilberto Lima Amado  
João Baptista Marques de Oliveira  
João Machado de Araujo  
João Ribeiro Vargens  
José Antonio de Góes Junior  
José Carneiro de Lyra  
José Cupertino Duarte Simões  
José de Freitas Machado  
José Eustaquio da Silva  
José Gonçalves de Souza Rolim  
José Joaquim de Lemos Filho  
Leovigildo Gonçalves de Carvalho  
Licurgo Araujo  
Luiz Affonso de Farias  
Luiz de França Loureiro  
Luiz Torres Coitinho  
Manoel Josias Monteiro  
Manoel Juliano do Espirito Santo  
Manoel Lydio Pereira Franco  
Manoel Muniz Ferreira  
Manoel Portugal Ramalho  
Marcos Bento de Souza  
Mario de Oliveira Lobão  
Mario Luiz Vieira Lima  
Miguel de Oliveira Bastos  
Origenes de Carvalho



Pedro dos Santos Pereira  
Raul da Rocha Medeiros  
Raul Theophilo  
Tancredo de Souza Campos  
Tristão Rodrigues Nunes  
Verissimo Barbosa Pereira  
Virgilio Alcebiades da Silva Serra

## **1904**

André Pessôa de Oliveira  
Alvaro da Costa Lima  
Alvaro Exalto Motta  
Alvaro Euzebio de Aguiar Pinto  
Antonio Cordeiro de Miranda  
Antonio de Araujo Lima  
Antonio Netto  
Aristides Mendonça  
Aristides Novis Sobrinho  
Arnulpho Costa Galvão  
Arthur de Mello Machado  
Baldoino da Silva Lessa Junior  
Benedicto Antonio Pereira Junior  
Candido Camargo Serra  
Christiano Carlos de Souza  
Cicero Duarte Diniz  
Clarice Justa  
Clovis Correia da Costa  
Donina Barbosa de Vasconcellos Castro  
Durval Tavares da Gama  
Felicina Aurea da Gama  
Felino Martins Fontes de Carvalho  
Firmino Thomaz de Aquino  
Francisco Homem de Carvalho  
Francisco Tavares de Menezes

Heraclito de Souza Salles  
Isaura de Souza Franco  
Jacintho Pervuse Pontes  
Jacob Olympio de Sant'Anna  
Jayme de Magalhães Coelho  
Jefferson Firmino Ribeiro  
João Americo dos Santos Gouveia  
João Baptista de Mello  
João Capitulino Sampaio  
João da Cunha Gaspar  
João de Britto Albuquerque Veiga  
João de Oliveira Pires  
João de Souza Meira  
João Nunes Filho  
Joaquim José Ribeiro de Oliveira  
José Alves Pereira  
José de Souza Avila  
José Equecio Ribeiro Lopes  
José Eustaquio da Silva Freire  
José Mendes Diniz da Gama  
José Menezes de Faro Freira  
José Olympio da Silva  
José Raymundo Telles de Menezes  
Julio Tarquino da Fonseca  
Lino José Machado  
Manoel da Silva Prado Filho  
Manoel do Nascimento Pontes Junior  
Manoel Eutychio de Lemos  
Manoel Theophilo Gaspar d'Oliveira  
Mario Saraiva  
Moysés A. Larêdo  
Odilon Auto da Cruz Oliveira  
Onessimo Ferreira de Araujo

Optaciano Alves da Rocha  
Oscar Moreira da Costa Lima  
Pedro Augusto de Mello  
Pedro da Costa Pinto  
Pedro Elias Marinho de Mello  
Pedro Lavigne de Lemos  
Pedro Medeiros de Araújo  
Prisco Passos Vianna  
Quodvultdeus de Freire e Argollo  
Raymundo Brasilino da Fonseca  
Senhorinho Antonio de Souza

## **1905**

Agricola Lisbôa da Fonseca  
Alberto Eloy da Costa  
Alvaro Pereira Nobrega  
Alvaro Remigio de Oliveira  
Americo de Oliveira Sampaio  
Amphilophio de Mello e Albuquerque  
Anisio Henrique Martinelli  
Antonio Anastacio de Sant'Anna  
Antonio Bernardo de Souza Barateiro  
Antonio Esterlila Cavalcante Lapa  
Antonio Ferreira da Costa  
Antonio Joaquim Cardoso e Silva  
Antonio Maximiniano C. Filho  
Antonio Soares Junior  
Aristoteles Drumond de Magalhães  
Arnaldo Ferreira Luiz de Carvalho  
Arthur Rodrigues do Lago  
Augusto Medeiros de Vasconcellos  
Ceciliano de Sá Carneiro  
Coriolano Ferreira Burgos  
Durval Cardoso e Silva

Elpidio Manoel dos Santos  
Epaminondas Freire Barretto  
Eurico Antonio Guimarães  
Felippe Nery Gonçalves  
Francisco Leite Velloso  
Francisco Vieira Leite  
Jacome Mutti  
Jayme de Carvalho  
João Fontes Torres  
Jorge Silveira Pinto  
José Julio de Campos  
José Paulo de Moraes  
José Sebastião Pinto de Carvalho  
José Tipaldi  
Julio Adolpho Gonçalves dos Santos  
Julio Alvaro de Carvalho  
Julio Vergara  
Leandro de Azevedo Coitinho  
Luiz de Paula Lima  
Ludgero Fortunato Bernardes da Cunha  
Luiz Cyrillo de Lima  
Luiz de Oliveira Almeida  
Luiz de Oliveira Gentil  
Manoel de Lemos  
Mario Andréa dos Santos  
Mario Falcão  
Mario José Venturi  
Mario Pinheiro de Souza Costa  
Mario Rabello Leite  
Mario Stauby Vieira  
Moysés da Costa Carvalho  
Octavio Ferreira Soares  
Oraida Doria

Oscar Deusdedit da Cruz Alves  
Oswaldo Duarte Ferreira  
Paulo Correia Dantas  
Pedro Advincula da Silveira  
Pedro Affonso de Araújo  
Pedro Alves Carneiro  
Ramiro Affonso Guerreiro  
Raul Henrique Schmidt  
Rodolpho da Costa Pimentel  
Sabino Muniz Fiuza Junior  
Servulo Dantas de Amorim  
Vicente Graziano  
Xisto Augusto Pereira

## **1906**

Alexandre Archelau da S. Reis  
Alexandrino Caetano de Almeida  
Alfredo de Barros Filho  
Alfrêdo Ferreira de Barros Filho  
Almir Pachêco Pereira  
Alpheu Olympio da Silva  
Alvaro Edmundo Gonçalves  
Antonio Benevides Barbosa Vianna  
Antonio Cardoso de A. Moreira  
Antonio Epiphanio G. de Carvalho  
Antonio Ferro e Silva  
Antonio Pereira de Andrade  
Antonio Sodré Pereira  
Antonio Vaz Vieira dos Santos Filho  
Arnaldo Muniz Silvany  
Augusto Pinto de Campos  
Carlos Cavalcante da Silveira  
Carlos Correia Lima  
Carvilio de Lima Gomes

Clarite Monte de Anequim  
Crescencio Antunes da Silveira  
Durval Martins da Costa  
Edgard Roberti  
Eduardo Paulo Americo de Britto  
Emilia dos Reis Meirelles  
Emilio Costa Alves  
Epaminondas de Aquino Torres  
Eponina de Quimarães Cerqueira  
Flavio Olympio Pinto de Azevedo  
Francisco Pinto da Cunha Castro  
Francisco Rodrigues Dutra  
Helvidio de Castro Velloso  
Henrique Machado de Queirós  
Hermilio Firmino Pinheiro  
Hildebrando de Souza  
Isabel Uchôa de Oliveira Campos  
Izidro Teixeira de Vasconcellos  
Jessé de Souza Carvalho  
João Braulino de Carvalho Filho  
João da Costa Rodrigues  
João Evangelista de Moura  
João Maria de Souza Araujo  
João de Oliveira  
Joaquim Marques Monteiro  
José Dutra da Silva  
José Sotero da Silva Faria  
Julio da Silva Souza  
Juvenil Lopes  
Luiz Francisco Freira  
Lupciano da Silva Serra  
Odilon de Oliveira Cardoso  
Olyntho Nogueira

Oscar Innocencio de Araújo Costa  
Oscar José Alves  
Paulo Moreira de Queiroz  
Pedro Tenorio Cavalcanti  
Rodolpho de Araujo Doria  
Samuel Dutra da Silva  
Segisnando Alencar  
Sergio Pereira Pitta  
Sylvio Borges Mamede  
Thuribio Motta  
Thyrso de Assis Garrido  
Ulysses da Costa Paiva

## **1907**

Adalberto Dias Coelho  
Adolpho Francisco da Silva  
Alfrêdo da Costa Monteiro  
Alfrêdo de Azevedo Santos  
Anisio Mello Ferreira da Silva  
Antonina Baptista dos Anjos  
Antonio Baptista Xavier Ribeiro  
Antonio Henrique Machado  
Antonio Joaquim de Sampaio  
Antonio Vieira Neves  
Aristoteles Trinchão  
Arthur Osorio de Aguiar Pinto  
Arthur Pereira de Mello  
Aurelio dos Santos Correia  
Custodio Angelo de Lima  
Dario Norbertino da Costa  
Dionysio da Costa Meile  
Durval Borges de Moraes  
Durval Queirós de Miranda  
Emygdio Joaquim Pereira Caldas

Epiphanio Ribeiro de Queiroz  
Etherelde Crysantho de Oliveira Botelho  
Euclides Nathalias da Silva  
Euthynio Pires Caldas  
Fabio Alves de Vasconcellos  
Felippe Osorio de Carvalho Motta  
Flavio Ferreira Vianna Bandeira  
Flavio Wanderley de Araujo Pinho  
Francisco d'Arêa Leão  
Franklin Saraiva  
Godofredo Agrippino do Rêgo Barros  
Godofredo José de Argollo  
Gothargo Correia de Araújo Filho  
Henrique José de Figueirêdo Leite  
Jeronimo José Gonçalves Junior  
Jeronimo Rosado Filho  
Jezulindo de Oliveira  
João Adolpho Gurgel do Amaral  
João Francisco dos Santos  
João Manoel Dias  
João Pinto da Silva  
Joaquim Soares de Senna  
José Mello de Lima  
José Moraes Studart  
José Passos Coelho  
José Pereira Noya  
Leucippo Dantas Avelino  
Lino Octaviano Gramacho  
Manoel Avelino de Sant'Anna  
Manoel Belem de Figueirêdo Sobrinho  
Manoel Quintino Nery  
Manoel Xavier de Figueirêdo Monte  
Marcellino Carlos Ferreira



Mario Baptista de Souza Mello  
Mario David  
Mario Ribeiro Guimarães  
Moysés Gentil Pereira  
Murillo Celestino dos Santos  
Octaviano Diniz Borges  
Oscar Barbosa  
Pedro Cancio Dias Guimarães  
Raymundo Leoncio dos Santos  
Theobaldo Pondé de Mendonça  
Urcino José de Almeida  
Virginio Velloso Borges  
Vital Sampaio  
Zacharias de Oliveira Bahia

## **1908**

Apolinario de Miranda  
Aristides Calmonte de Andrade  
Armando de Almeida Lôbo  
Aurora Paes de Souza e Silva  
Autran Costa  
Elpidio Soares Barbosa  
Enock da Natividade Lourdes Carteador  
Euphrosino Pantaleão Francisco Nery  
Florival Hermenegildo de Oliveira  
Francisco Pereira de Araújo e Silva  
Georgina Lima Dlla Cella  
Heleodoro de Araújo Pereira Cavalcanti  
Henrique Raul Chaves  
João Calixto Galvão  
João Lourenço de Castro e Silva  
Joaquim Dorvault Calazans  
José Antonio Alves Pinto  
José de Oliveira e Silva

Juvencio de Souza Moraes  
Nino Amancio Pereira  
Oscar Fontes Lima  
Otto Borba da Costa  
Pedro Doria Sobrinho  
Pedro Garcia Moreno

## **1909**

Adolpho Ramires  
Agenor Schmidt Pimentel  
Alfredo da Fonseca Rocha  
Alipio Menezes  
Almerinda Izaura Leite  
Americo dos Santos Barreto  
Americo Jorge da Silva  
Angelo Rodrigues da Cruz Ribeiro  
Annibal Maltez  
Anthisthenes Albernaz Alves  
Antonio Amynthas de A. Barretto  
Antonio de Souza Sarmento  
Antonio Frederico Monteiro  
Argemiro Costa Filho  
Aurelio Salles de Oliveira  
Benedicto Martins de Sá  
Benjamin Gonçalves Postellada  
Carlos Eugenio Gantois  
Carlos Loureiro  
Cinaldo Gomes  
Claudon Ribeiro da Costa  
Diogenes Celestino de Oliveira  
Edmundo Coelho de Alverga  
Emerita Rodrigues Victoria  
Ernesto Jacques da Silva  
Fernando Massena Borges

Francisco de Assis Perdigão Nogueira  
Francisco de Assis Ribeiro Gonçalves  
Francisco Purificação Barbosa  
Francisco Soares Lourdes  
Genesio Silva  
Gentil Guimarães  
Gustavo Ferreira Pinto  
Heróthides Adalberto Chagas  
Jenesio Silva  
João Narciso da Rocha  
João Paulino dos Santos Filho  
Joaquim Lopes Filho  
Jorge Dias Tavares  
José Correia Bittencourt  
José Luperio Cordeiro  
José Rodrigues Leite  
Juarez Figueirêdo  
Julio de Almeida Guimarães  
Juvencio Leal de Rezende  
Leonardo Numa Pompilio de Bittencourt  
Leoncio Pedro da Silva  
Lourenço de Azevedo Veiga  
Luiz Osmundo de Medeiros  
Manoel Maria de Oliveira  
Matheus de Lemos  
Ney Ferrás  
Osorio Borges de Menezes  
Oswaldo Costa Tourinho  
Oswaldo Rodrigues Gouveia  
Ramiro Ervagio Soeiro  
Raymundo Mariano de Mattos  
Rodrigo Vasco da Gama  
Urbano Pereira de Araújo

## 1910

Acrisio de Miranda Sampaio  
Adolpho Leal de Britto  
Alcides Borges de Souza  
Alfrêdo de Santa Ritta  
Alfredo de Freitas Melro  
Alfrêdo Teixeira Mendes  
Aloysio Paiva Lima  
Annibal de Góes Bittencourt  
Augusto de Almeida  
Aurelino de Araújo  
Boabdil Pereira da Silva  
Brasilino da Silva Tavares  
Carlos Alves Mendes Guimarães  
Cypriano da Silva Juca  
Durval Pires de Oliveira e Silva  
Euclides Cavalcanti Ferreira da Silva  
Eurico Hamilton Ferreira do Amaral  
Frederico Leão de Bittencourt  
Gracindo José de Britto Filho  
Jader Collaco Veras  
João de Deus Teixeira  
João Marcellino da Silveira Teixeira  
Joaquim Studart da Fonseca  
Joaquim Virgolino Freire  
José Alves Pereira Filho  
José Antonio Seraphim Junior  
José Euzebio de Carvalho  
Lauro Machado Costa  
Macario de Barros Loureiro  
Manoel Cordeiro de Almeida  
Manoel dos Santos Souza  
Manoel Neves de Queirós

Maria da Conceição de Calazans  
Maria da Piedade de Calazans  
Mirocles Campos Veras  
Myron de Moura Pedreira  
Ovidio Duarte dos Santos Lima  
Ozino de Carvalho  
Raymundo Chaves de Freitas  
Raymundo de Novaes Milfont  
Raymundo Jorge de Araújo  
Virgilio Ribeiro  
Vital de Souza e Silva

## **1911**

Anna Alves  
Armando de Almeida Alcantara  
Caio da Silva Gusmão  
Cicero Alves da Silva  
Deraldo Passos Neville  
Domingos de Araujo Lima  
Francisco Barretto Dantas Filho  
Francisco Portella Velloso  
Francisco Synval da Luz  
Genesio Pires de Carvalho  
Godofredo Gonçalves Chaves  
Helvecio Ferreira de Andrade  
Juvenal Francisco Pereira Ramos  
Jarbas de Souza Martins  
João Baptista Neves  
João Fabio de Araújo  
João Ramalho  
João Ribeiro de Carvalho  
João Silvestre Vianna de Aguiar Torres  
José de Moura Fé  
José Placido Fontenelli

Luiz Gonzaga da Silva  
Reginaldo Paulino dos Santos

## **1912**

Alcides Messias Casaes  
Benedicta Lima Rocha de Menezes  
Benedicto Ribeiro Gonçalves  
Bricio Deodezio Ribeiro  
Ephrem de Mattos Telles  
Hamilton de Castro e Silva  
João Climaco da Silva  
João Evangelista da Silva  
João Olegário dos Reis Lima  
Jorge Cavalcanti Ribeiro Pessoa Filho  
Luiz Gonzaga de Britto Guerra  
Pedro Claudino Duarte  
Saturnino de Abreu Memoria

## **1913**

Antonio Bezerra Rodrigues Lopes  
Domingos da Silva Cabral  
Francisco de Assis Cavalcanti  
Francisco Pereira de Carvalho  
João Baptista Spinola Castro  
José de Andrade Carvalho  
José Epiphany de Carvalho  
Trasybulo de Miranda Bastos

## **1914**

Abdon de Souza Maciel  
Alziro Christino Alves da Rocha  
Antonio Coimbra Espinheira  
Bernardo Pedrosa Caldase  
Carlos Pompilio de Abreu

Cesar Henrique Albertazzi  
Demetrio Menna Lobão  
Emmanuel Cordova Piedade  
Gabriel Emiliano de Queirós  
Heitor Francisco Sapucaia  
João de Mattos Pereira Franca  
João Soares Barretto  
José Leite Bittencourt Calazans  
Jovelina Franco de Souza Costa  
Julio Pedroso  
Luiz Cunha  
Marcos Ferreira de Jesus  
Noemia de Andrade Castro  
Octavio Vieira Sampaio  
Pedro Antonio Nery  
Zalizo Pimenta Bastos

## **1915**

Adolpho Diniz Gonçalves Sobrinho  
Alberto Salles  
Alexandre Coelho Bahia  
Alzira de Freitas Catilina  
Arlinda Chaves de Figueirêdo  
Arlindo Rodrigues da Silva  
Arthur Monteiro  
Domingos Lamartine de Carvalho  
Francisco de Paula Miranda Chaves  
Humberto Pontes Bahia  
Odino Guilherme Cesar Pinheiro  
Oswaldo Manoel da Silva  
Satyro Gomes de Mello  
Stellina Rocha  
Stephanio Dortas de Araújo

Umberto Pontes Bahia  
Virgilio Pereira de Magalhães

## **1916**

Juliana de Souza Cavalcanti

## **1917**

Antonio Ricaldi Leão Castro  
Asclepiades Ferrão Marques  
Augusto Pedreira de Cerqueira  
Bernardo Caldas  
Elisio Pimentel Marques  
Francisco Jesus Valois  
Francisco Lopes Pedra  
Heyder de Siqueira Gomes  
João Cardoso de Sá  
José Adolpho Campos de Magalhães  
José Alves Tavares Correia  
Luiz da França Ribeiro Junior  
Olympio Teixeira de Carvalho  
Perceval da Cunha Vasconcellos

## **1918**

Antonio Barroso Braga Vêras  
Antonio Carolino de Carvalho  
Beryllo da Fonseca Neves  
Cyro Ramos  
Diocleciano Riserio de Carvalho  
Hermes de Azevedo Veiga  
Hermilio Audacto Bernardes  
Joaquim Baptista Marques Ferreira  
José Ramos de Oliveira  
Orlando Thiago dos Santos  
Othon Mello  
Raymundo João Pires Saldanha



## **1919**

Joaquim Alves de Almeida  
José dos Santos Oliveira  
José Zagury  
Manuel José da França  
Mario Diniz Guerra  
Octavio dos Santos Muniz  
Theodulo Bastos de Carvalho

## **1920**

Durval Campos  
Durval Quintanilha Braga  
Eulina Amelia da Silva  
Herlino Milhares de Magalhães  
Manuel Ferreira da Silva Netto  
Seraphim dos Santos Pereira  
Thomaz Faria

## **1921**

Agerson de Carvalho Dantas  
Alvaro Deusdedit Pires  
Antonio de Freitas Barros  
Aurelio Garcia Laborda  
Cecilia Clarice Guedes  
Ceciliano Alves Nazareth Filho  
Domingos Caetano da Silva  
Edgard Veiga Argollo  
Eloy Portella Nunes  
Euripedes da Cruz Baptista  
Everaldo de Almeida Sampaio  
Firmino Justiniano de Carvalho  
Humberto Marques  
Humberto Soares de Araujo  
Igne Barretto de Araujo

Innocencio Vitor Amaro Lopes  
João Chrysostomo Guedes  
João de Araujo Souza  
Jorge de Souza Medeiros  
José Pereira Duarte  
Manuel Cicero de Magalhães  
Octavio Ferreira Santos  
Oscar da Rocha Dias  
Oscar Pereira da Silva  
Raymundo Cyriaco Guedes  
Tales de Menezes  
Theophilo Francisco Brandão Junior  
Thomaz Alves dos Santos  
Ulysses Maynard  
Victor Braga Godinho  
Waldemar Guteres Soares

## **1922**

Abilio da Silva Lima  
Adalberto Dias da Silva  
Aguinaldo Carolino dos Santos  
Alfredo Lemos Villa Flôr  
Alfredo Soares da Cunha Filho  
Alice de Sant'Anna  
Antonio Serapião de Vasconcellos  
Antonio Washington Landulpho  
Argemiro Pompilio de Araujo  
Arlindo Bastos Miranda  
Arlindo de Lima Telles  
Arlindo Noya  
Armando Paraguassú Lopes  
Arnaldo Garlan Moreira  
Arnobio de Meirelles

Augusto Novis  
Aurelino Dimas dos Reis  
Benildo Carvalho Cavalcante  
Cyro Rodrigues Filho  
Domingos de Andrade Passos  
Edgard Antonio Guimarães  
Fernando Ribeiro Gonçalves  
Francisco Assis Moura  
Gentil Fernandes  
Ignacio Gomes da Costa Valente  
Isaac de Britto Lima Filho  
Isaias Paulino Rosa  
Ivolina Angelica da Silva  
Jacintho Moreira da Silveira  
João Lopes Ferreira  
Landulpho Cardoso Neves  
Lourival Duran Suarez  
Maria Laura Pacheco Pereira  
Maria Zelita Spinola Castro  
Melchisedeck Marques de Souza  
Miguel Oliveira  
Nelson Tavares da Motta  
Osorio Peixoto de Lacerda  
Paulo Paternostro  
Pedro Irineu Jatobá  
Saul Fernandes Leão  
Simplicio Exorcio Alexandrino  
Solon de Souza Mariano  
Tancredo de Carvalho

## **1923**

Abel Leoncio Dantas  
Adalberto de Carvalho

Alberto Magalhães Sampaio  
Alfredo Campos de Oliveira  
Almir Telles de Oliveira  
Amarilio Nicomedes dos Santos  
Antonia Jaqueira  
Antonio Tavares de Bragança  
Arthur Vieira  
Aurino Miranda Cardoso  
Carlos Macedo Pereira  
Edméa Novaes Nonato  
Elvira Outeiro de Britto  
Ernesto de Freitas Catilina  
Flavio Alves de Souza  
Francisco Cordeiro Brandão  
Guilherme do Eirado Silva  
João Lino da Rocha  
Joaquim Antonio da Silva Santos  
José Cabral de Sant'Anna  
José Celestino da Silva  
Manuel Carneiro de França  
Maria José Soares  
Maria Octavio Placido  
Octavio Araujo  
Olga Lydia da Conceição  
Olivio Gonçalves Martins  
Origenes Calmon do Pin e Almeida  
Orlando Filgueiras  
Pedro Achilles Giuntini  
Raymundo Alves Pereira da Rocha  
Raymundo Firpo  
Rodolpho Muniz Barretto  
Themistocles Pereira  
Vivaldo de Souza Lucas

## **1924**

Alberto Alves da Silva  
Alfredo Farani  
Anna Marques de Freitas  
Carlos de Souza Liborio Filho  
Celeste da Matta Bacellar  
Fabio Conceição  
Fernando Graça Leite  
Georgino José Carneiro  
Guttemberg José Leal  
Hena Nunes Fraga  
João Vieira Cardoso  
José Tobias Netto  
Lauro Natalino Lustosa de Aragão  
Manoel Teixeira de Castro  
Maria de Lourdes Muniz Barretto  
Milton Rabello de Souza  
Narciso Soares da Cunha  
Octaviano Telles de Sant'Anna  
Oswaldo Ventura  
Paulo Vieira Machado  
Philogonio Soares Lopes  
Regnault Duval Pereira da Silva  
Semirames Peixoto

## **1925**

Adalberto Vieira Dantas  
Agnor Sampaio Villame  
Alcebiades Alves Coelho  
Aloysio Godinho de Argollo Nobre  
Alvaro Outeiro de Britto  
Amaro Gomes Vieira  
Antonio Moura e Albuquerque

Antonio Sampaio de Cerqueira  
Aristides Simões Freitas Filho  
Aristoteles Emilio de Carvalho  
Arnaldo de Almeida Pontes  
Arnaldo Lopes da Motta  
Djalma Moraes Carvalho  
Francisco de Salles Britto Machado  
Francolino Galvão de Souza  
Heraldo dos Santos Silva  
Irenio José da Conceição  
Jayme Barbosa da Rocha  
João Adolpho da Silva Miranda  
Jorge Coelho dos Santos  
José de Souza Magalhães Filho  
José Juvencio Barroso Filho  
José Marinho de Jesus  
José Miranda Amorim  
José Olindo de Lima Netto  
José Orlando da Costa Pereira  
Judith de Castro Guimarães  
Laudelino José Leal  
Lourival Bothelho de Assumpção  
Maria da Gloria de Carvalho Leite  
Maria de Lourdes Coelho dos Santos  
Mario Meirelles de Almeida Couto  
Max Velloso Machado  
Octavio Vieira Passos  
Orlando Garcez de Aguiar  
Pericles Paula da Matta  
Raul de Carvalho Nilo  
Raymundo Clovis Monteiro  
Waldemiro Marcos dos Santos

## 1926

Alzira de Oliveira Gama  
Arthur Augusto Porto Carreiro  
Arthur Fontes Mascarenhas  
Dreyfus Zola Teixeira  
Elihú Root Cotias Lebre  
Estanislau Fadigas de Souza  
Francisco Emygdio da Costa  
Gilberto Tarquino Bittencourt  
Jesuino de Cerqueira Falleiro  
José Araújo Filho  
José Aurelino de Britto  
João Leovigildo de Almeida  
Julio Olympio da Cruz  
Lylitha de Figueiredo Brasil  
Manoel de Araujo Falcão  
Manoel de Sant'Anna Neves  
Manoel dos Santos Carvalho  
Manoel Joaquim dos Santos Carvalho  
Maria de Lourdes Pereira de Souza  
Oswaldo Pedroso Teixeira da Silva  
Paulo Ruben da Fonseca  
Raul Alcides de Carvalho  
Urbano da Silva Carneiro  
Waldemar Ferreira Lourena  
Wanderlino de Souza Nogueira

## 1927

Affonso Bahia de Mendonça  
Agnaldina Santiago  
Augenor de Lima Negrão  
Benjamim Vieira da Costa  
Coriolano José Fagundes

Florentino Rodrigues da Silva  
Gesilda Alves de Souza  
Guilherme R. Martins Neves  
José Leão Borges  
Maria Carvalho Machado  
Maria Joaquina Teixeira  
Mauro Barreira de Alencar  
Nelson Reis Cabral  
Nicanor Souza  
Othoniel Lula  
Quiteria de Oliveira Lyra  
Raymundo Santos Abreu  
Roberto José de Sant'Anna  
Tertuliano de Souza Lustosa  
Waldemar Farias Rocha

## **1928**

Edilberto Rocha da Fonseca  
José Carlos Ferreira Gomes  
Theotonio Villela Brandão

## **1929**

Adelia Pina Paraguassú  
Amado Magalhães Castro  
Diva Correia da Silva  
Esmelita Publio de Castro  
Esther Sonson  
Eulina dos Anjos Pirôpo  
Eunice Martagão Gesteira  
José da Silva Guerra  
Lourival Villalva Ribeiro  
Mariannita Ribeiro Fontes Lima  
Tito Alexandre Cardoso Moreira  
Waldomiro Lemos Vivas



## **1930**

Alcides dos Santos Andrade  
Alfredo Seraphim Lopes  
Antenor Alves da Silva  
Antonio Soares da Silva  
Emilio Diniz da Silva  
Eulalio Costa Lima  
Francisco das Chagas Silva Filho  
Francisco Teixeira de Moraes  
José Luiz do Nascimento Junqueira  
Julio Guimarães Filho  
Maria Zita Guimarães de Souza  
Oswaldo Dias Pereira  
Plinio Calmon de Siqueira

## **1931**

Alberto Barretto de Castro  
Gregorio Celli de Freitas  
Newton Velloso Machado

## **1932**

Elsior Joelviro Coutinho  
Milton Oliveira Silva  
Waltrudes Camera

## **1933**

Anna Ferraz Moreira  
Eulalio Miranda Mota  
Franlaide Benicio dos Santos  
José de Souza Santos  
Werther Villela Brandão

## **1934**

Celuta Gondim Meira

### **1935**

Frederico Simas Regis  
Hermenegildo Cardoso de Castro  
Mirabeau Amancio Pereira  
Odette José Leal

### **1936**

Anair Navarro  
Antonio de Souza Silvany  
José Villalva Ribeiro  
Lydia Kaiser  
Maria de Lourdes Araujo Dorea  
Octavio Archanjo Ribeiro  
Orlando Limas Regis  
Renato Gonçalves Mariano

### **1937**

Alberto da Fonseca Schmidt  
Arabella Dimas dos Reis  
Dalva Pires de Souza Cairo  
José Capell Ferreira  
Maria de Lourdes Campos  
Paulo da Costa Lima Filho

### **1938**

Alvaro de Mello Dorea  
Antonio Luiz C. Albuquerque Barros Barretto  
Aurora Azevedo  
Erna Boness  
Esther Fonseca de Oliveira  
Evangalina Andrade Vieira  
Expedito Martins Pereira  
Maria Margarida Tobias e Silva

**1939**

Dagmar Fernandes de Mello

**1940**

Amilcar Ferreira Sobral

**1941**

Anthusa e Silva

Eunice Lima Ribeiro

José Alfrêdo da Silva

José Pires da Silva

Nilo Costa

Orlando Lopes Cabral

Pedro de Bastos Nascimento

Penildon Silva

Servilio Mario da Silva

Walter Guedes Costa

**1942**

Franklin Dutra da Silva

Paulo Darling Vestch

Ubaldo da Costa Drummond

**1943**

Adolfo Liberato Moura

Arlinda da Silva Silvany

Carmem Barral Y. Barral

Guilherme Ruy Machado Mello

Hilda Quintas Gonzalez

Manoel Francisco Cerqueira

Ragenulpha Góes de Carvalho

Tripoli Francisco Gaudenzi

**1944**

Adelmario Susarte Moreira

Airam Coimbra de Castro  
Alice Mello de Siqueira  
Antonilia Pinto Cardoso  
Arinaudo Lopes Cabral  
Bernadeth Celli de Freitas  
Galeno Egidio José de Magalhães  
Nestor Cavalcante Figueiredo  
Orlando de Souza Cairo

### **1945**

Arnobio de Magalhães Meirelles  
Benecio Santos  
Camilo Raña Borrago  
Dinalva Menezes  
Diva Lustosa de Aragão  
Humberto Adailton Fontoura  
José Moreira Pinto  
Julio Augusto de Moraes Rêgo  
Livia Santos  
Lucia Tourinho Guedes  
Luiz de Oliveira Gentil  
Maria da Piedade Calmon Vergne  
Oaci Alves Pereira da Rocha  
Stella Dalva Anisia Alves  
Synval da Costa Lima  
Wanda dos Reis Sant'Anna  
Wilson Moreira Mascarenhas  
Zilda Menezes Fonseca

### **1946**

Alena Machado Pereira  
Antonio Machado Lobo  
Dinéa Silva Ferreira  
Doraline de Melo Regis

Elizabeth Abiah Andrade Vieira  
Elza Lemos Sant'Anna  
Feiga Fisher  
Fernando Marques Lima  
Guiomar de Carvalho Cruz  
Helia Lessa Silva  
Joaquim Amancio de Assunção  
José Luiz Pinto  
José Maria Gomes Bello  
Maria Amelia Soares da Cunha  
Maria de Lourdes Soares da Cunha  
Maria José Rabello de Freitas  
Newton Alves Guimarães  
Nize Madeira Moura  
Orlando Lavigne de Souza  
Rosa Zonis Berta  
Suzette Mandarino Hypolito  
Wanda Hegouet  
Zildete de Magalhães Meirelles

## **1947**

Ady Meirelles  
Anita Chapermann  
Antonieta da Rocha Laudim  
Celia Maria Leal Braga  
Geraldo Majela de Araujo Góes  
Helena Veloso Andrade  
Idalba Pedreira Luz  
Irma Casali  
Jair de Jesus Santos  
João Conceição Filho  
Jorge Cyro de Lima Pessôa  
José Victor da Silva Neto

Lice Regina de Seixas Oliva  
Maria Celeste da Costa Vieira  
Maria Luiza dos Reis Sant'Anna  
Nadir de Sena Nunes  
Nair da Costa Vieira  
Nivalda Roque Regis  
Vera Marianetti  
Vicente de Paulo Carvalho Costa  
Yvone Alves Sampaio

### **1948**

Carlos Gustavo Meneú  
Carmem Moral Campos  
Clementina Felloni de Mattos  
Constança Leone Torres  
Darci Mendes de Carvalho  
Dirce Franco de Araujo  
Dulce da Silva Ferreira  
Edite Correia dos Santos  
Esperança Arnaud Sampaio  
Fridolino de Moraes Rêgo  
Lauro Figueiredo Pires  
Luiz da Silveira Maltez  
Maria de Lourdes da Costa Fontes  
Maria de Lourdes Rocha  
Maria José Schettini de Andrade  
Maria Thereza Barretto Filgueiras Victoria  
Paulo Galvão Duarte Simões  
Virginia Mendes de Andrade  
Wanda Baranna Dias  
Yara de Freitas Facchinetti  
Yolanda Hora de Oliveira  
Yvette Motta de Araujo

## 1949

Aida Costa Vieira  
Alfredo Darnin Brandão  
Angelica Catarina de Freitas  
Astrogildo Alves Gusmão  
Aydil Carneiro de Lima  
Carlos Humberto Sampaio de Araujo  
Carmem Souza  
Celeste Aida de Almeida Alves  
Ceres Uzêda Tanus  
Cléa de Lima Brandão  
Diva Stela Moreira  
Emiliana Davina Pedreira  
Helena Lordêlo Ferreira  
Irene Calumby  
Irene Silva  
Jenisia Sales de Melo  
Josefina Franco  
Leonor Machado Calumby  
Maria Angelica de Araujo Galvão  
Maria Cide Gomes Bastos  
Maria de Lourdes Miranda Silva  
Maria Emilia de Amorim Ramos  
Maria Feitosa Vieira  
Maria Julieta Diniz Gonçalves  
Maria Medeiros  
Nelcy Almeida Pimentel  
Nilmar Vicente Pereira da Rocha  
Nilza Lima de Oliveira  
Noeme Santos Torres  
Onildo Pereira de Oliveira  
Valdice do Carmo Santana  
Wilson Maron

## 1950

Adelnita Moreira Machado  
Adyr Nazareth Andrade  
Aidil Dias da Cunha  
Alayde de Oliveira Santos  
Anita da Silva Assis  
Antonio Maron Sobrinho  
Avany Anisia Alves  
Benedita Nascimento Pereira  
Clemente de Azevedo Salles  
Clovis Dessa Magalhães  
Edgard Miranda Falcão  
Edmar de Magalhães Bastos  
Georgette Cardoso de Almeida  
Ida Spector  
Iraci Teixeira dos Santos  
Irineu Simões Freitas  
Italina Pelosi  
Josepha Barretto de Araujo  
Landulfo Caribé  
Lindaura Vilau Barral  
Madalena Barreiros Reis  
Mamede Mechlem  
Margarida Carneiro de Britto  
Maria Adelaide Marcilio de Souza  
Maria Amelia Macambyra  
Maria Bernadette de Souza Gondim  
Maria Bernadete Ribeiro  
Maria de Lourdes Cabral Velanes  
Maria do Carmo Coimbra de Castro  
Maria do Nazareth Santos de Aragão  
Maria do Rozario Gondim  
Maria Hermogenia Braga Liborio



Maria Lucia Sampaio Seixas  
Maria Myrce Pinto Coelho  
Marisete Dias do Nascimento  
Milton de Lima Pessôa  
Mina Lucia Bronstein  
Moema Magnavita Gomes de Oliveira  
Neusa Gomes de Oliveira  
Nice Lourdes de Sant'Anna  
Plinio de Carvalho Guerreiro  
Ridalva Ribeiro Sanches  
Ruth de Santana Barbosa  
Suraia Hagge  
Tereza de Oliveira Costa  
Theodora Margarida Vergne  
Wanda Lapa Barreto da Silva  
Yaci de Almeida Fanucchi  
Zilda Rodrigues de Souza

## **1951**

Aderbal Dantas Sant'Anna  
Albertina de Assis Bomfim  
Almenita Caria de Almeida  
Anibal Granja Carvalho Filho  
Arlete Maria de Souza  
Armando Costa Vieira  
Assyr da Silveira  
Bernardo Romão de Souza  
Carlos Alberto da Fonseca  
Carlos Geraldo de Oliveira  
Clelia Augusta Lustosa de Aragão  
Dalwon Estrela da Silva  
Doralice Trindade Santos  
Edna Cerqueira de Souza

Eduardo Veiga Peleteiro  
Elsimar Metzker Coutinho  
Euvaldo Diniz Gonçalves Sobrinho  
Isabel Martins Freire  
João de Carvalho Baptista  
Lizette Sulz de Almeida  
Lucy Izabel da Silva Peixoto  
Luiza Araujo Paula  
Lygia America Freire de Carvalho Lopes  
Néa de Andrade Macêdo  
Nize Pinheiro Machado  
Olga Ribeiro Botelho  
Paula Frassinetti Sanches dos Santos  
Raul Paranhos Dias dos Santos  
Renato Veloso Sampaio  
Roisle Alaôr Metzker Coutinho  
Rosálva Correia de Andrade  
Sofia Maia de Souza  
Sylvia Marques de Oliveira  
Tereza Sarno  
Terezinha Candida da Silva Cruz  
Terezinha Jovita de Carvalho  
Terezinha Leone Torres  
Ursula Mercês de Oliveira  
Vilma de Moraes Britto  
Yolanda Fernandes Leal  
Zenaide de Britto Lessa  
Zildete Costa Almeida



## **SOBRE OS AUTORES**

### **FLORENTINA SANTOS DIEZ DEL CORRAL**

Farmacêutica, UFBA, 1955. Professora Adjunto 4, FFAR/UFBA, aposentada em 1992. Lecionou Química Toxicológica e Bromatológica; Toxicologia; Bromatologia e ocupou os seguintes cargos, na FFAR: Chefe do Departamento de Análises Clínicas e Toxicológicas, Vice-Diretor e Diretor.

### **MIRABEAU LEVI ALVES DE SOUZA**

Farmacêutico-Químico, UFBA, 1963. Bacharel em Psicologia, UFBA, 1985. Professor Adjunto 4, FFAR/UFBA, aposentado em 2009.

Ensinou Bioquímica Clínica e Estágio Curricular e foi Chefe do Departamento de Análises Clínicas e Toxicológicas, representante da FFAR no Conselho de Coordenação da UFBA e Diretor da FFAR.

### **ODULIA LEBOREIRO NEGRÃO**

Farmacêutica-Bioquímica, UFBA, 1969. Mestre em Bioquímica, UFPR, 1978. Professora Adjunto 4, FFAR/UFBA, aposentada em 1997.

Lecionou Bioquímica Clínica e Estágio Curricular e ocupou os seguintes cargos, na FFAR: Supervisor de Estágio, Chefe

do Departamento de Análises Clínicas, Coordenador do Colegiado de Cursos, Suplente do Vice-Diretor, Vice-Diretor e Diretor, em exercício.

## Colofão

Formato	15 x 21 cm
Tipologia	Lapidary 333 BT
Papel	75 g/m <sup>2</sup> (miolo) Cartão Supremo 250 g/m <sup>2</sup> (capa)
Impressão	Setor de Reprografia da EDUFBA
Capa e Acabamento	Gráfica Cian
Tiragem	400 exemplares